

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
BACHARELADO EM LINGUÍSTICA

MARIA JULIA BERNARDO COMARIM

**DESCRIÇÃO DA CONSTRUÇÃO INSUBORDINADA COM “SE AO MENOS” NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL**

São Carlos

2023

MARIA JULIA BERNARDO COMARIM

**DESCRIÇÃO DA CONSTRUÇÃO INSUBORDINADA COM “SE AO MENOS” NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientação: Profa. Dra. Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

São Carlos

2023

Comarim, Maria Julia Bernardo

Descrição da construção insubordinada com "se ao menos" no português brasileiro a partir da análise colostrucional / Maria Julia Bernardo Comarim -- 2023. 73f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Banca Examinadora: Flavia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, Maria Carolina Coradini

Bibliografia

1. Linguística. 2. Insubordinação. 3. Análise Colostrucional. I. Comarim, Maria Julia Bernardo. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

**MARIA JULIA BERNARDO COMARIM**

**DESCRIÇÃO DA CONSTRUÇÃO INSUBORDINADA COM “SE AO MENOS” NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Bacharelado em Linguística da  
Universidade Federal de São Carlos para  
obtenção do título de Bacharel em Linguística.  
São Carlos, 6 de setembro de 2023.

Orientadora

---

Dra. Flavia Bezerra De Menezes Hirata-Vale  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Examinadora

---

Me. Maria Carolina Coradini  
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

*À minha avó, Maria Lozano Comarim (in memoriam), por ter se orgulhado de todas as minhas conquistas, me incentivado a estudar e a alcançar sonhos que ela não pôde realizar.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas me acompanharam nesta primeira parte da minha jornada acadêmica e que, ao caminharem ao meu lado, contribuíram e me deram todo o suporte necessário para que ela pudesse acontecer. Eu jamais seria capaz de agradecer a todas e todos que tornaram isso possível, portanto, ressalto que a minha lista de gratidão vai muito além dos nomes que estão aqui.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Zilá e José Marcos, por todo amor, dedicação, sacrifícios e apoio que me deram ao longo de toda a minha vida. Se essa jornada foi possível até aqui, foi graças a vocês que me ensinaram a dar os primeiros passos e me incentivaram a seguir essa caminhada, por mais que os caminhos parecessem difíceis e muito além da minha capacidade.

Agradeço à minha família, minhas tias Sandra, Edna, Daniela, tios Vicente (*in memoriam*), Antônio, Marcelo, avós Maria (*in memoriam*), Rita e prima Maria Vitória, meus primeiros companheiros de viagem, aqueles que me acolheram, me apoiaram e se orgulharam de mim em todos os momentos.

Expresso, também, minha gratidão a todos os professores que, aliados à minha família, fizeram com que eu estivesse o mais preparada possível para os desafios que encontraria nessa jornada. Agradeço especialmente à minha professora do Ensino Fundamental, Ana Rita, por ter feito com que eu me apaixonasse pelo mundo das Letras e por ter incentivado meus primeiros interesses sobre esse campo de estudos.

Menciono, também, a minha gratidão a todas e todos a/os professoras/es com quem tive a honra de compartilhar meus anos de graduação na Universidade Federal de São Carlos que, desde 2018, me apoiam e me instruem nas minhas trajetórias, tanto do curso de Letras quanto do curso de Linguística. Agradeço, em especial, às professoras Sandra Gattolin, Gladis Almeida, Ariani Di Felippo e ao professor Oto Vale pelas conversas, ensinamentos e conselhos.

Agradeço à professora Renata Enghels e ao professor Pedro Lino da Universidade de Gante, na Bélgica, por me impulsionarem para que eu desafiasse meus conhecimentos e pensasse a Linguística de formas diferentes, além da hospitalidade e atenção por eles dedicadas.

À FAPESP<sup>1</sup> e ao CNPq, pelas bolsas de iniciação científica concedidas ao longo dos meus anos de graduação, que permitiram a construção deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Processos nº 21/11125-5, 22/07421-0, 151321/2021-3 e 128905/2020-4.

Aos membros das coordenações e secretarias dos cursos de Letras e de Linguística da Universidade Federal de São Carlos, professora Luciana, Simoni e Fernando Rossit, por terem pacientemente me instruído ao longo de todos esses anos.

Agradeço àqueles que há muito vêm tornando a minha jornada mais leve, divertida e que dividiram comigo tantos anos de amizade. À Isadora Piagentini, Maria Fusco Peres, Nathália Brizante, Ana Laura Peres e Gabriela Senedese, minhas amigas e irmãs que sempre estiveram presentes em minha vida.

Agradeço à minha família são-carlense, um presente que o curso de Letras me ofereceu, Fernanda, Leonardo e, mais recentemente, Joana. Obrigada por todo apoio, acolhimento, celebrações e por tantas e longas conversas que tivemos. Essa jornada fica melhor porque tem sido compartilhada com vocês.

Aos meus colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Funcionalismo e Discurso, Eder, Camila Pires Alves e Camila Clemente, que escolheram uma jornada parecida com a minha e me guiaram e orientaram em muitos momentos das pesquisas desenvolvidas.

Agradeço à minha colega e amiga para além da pesquisa, Beatriz de Souza Mella, por ter me recebido e acolhido em São Carlos no início de tudo, e que desde então vem me apoiando e aconselhando, seja na vida acadêmica, seja na vida pessoal.

À Maria Carolina Coradini, também colega e amiga que a pesquisa me proporcionou, por ter me guiado no início da minha primeira pesquisa de iniciação científica e que segue me ensinando e proporcionando boas conversas. De maneira ainda mais especial, sou grata por ter aceitado avaliar este trabalho.

À Ana Beatriz Mariano, que chegou no final dessa primeira parte da minha jornada acadêmica e rapidamente começou a construir um novo caminho, dividindo momentos e fazendo com que tudo fosse mais leve e alegre nesse período. Obrigada pela paciência, incentivo, acolhimento, cuidado e parceria.

Agradeço imensamente à minha orientadora, professora Flavia Hirata-Vale, por ter me apontado direções durante quatro anos de orientação, nos quais pude contar com seu apoio, conselhos e conversas. Através de toda instrução que recebi, pude vivenciar coisas que jamais imaginei, aprendizados que nunca me esquecerei, e tudo isso me possibilitou construir um enorme carinho por tudo que me ensinou e sei que ainda ensinará.

Por fim, agradeço a Deus por sempre ter me amparado e proporcionado o melhor, no momento certo, mesmo que nem sempre eu fosse capaz de compreender.

*I dwell in Possibility –*

Emily Dickinson

## RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, analisam-se qualitativa e quantitativamente as construções condicionais encabeçadas por [se ao menos] que, diferentemente daquelas em que a oração principal vem expressa, admitem apenas verbos no imperfeito do subjuntivo, algo que Hirata-Vale (2015) apontou como um indicador estrutural de construções que tendem à insubordinação (EVANS, 2007). A fim de investigar essa tendência, propôs-se a realização de uma análise colostrucional, definida por Hilpert (2014) como uma possibilidade dentro dos métodos apresentados pela Linguística de Corpus, que visa a descobrir quais itens lexicais coocorrem com uma dada construção. A expectativa é de que essa informação permita chegar a um melhor entendimento das construções insubordinadas encabeçadas por [se ao menos], de forma a descrever em maiores detalhes tal uso, além de propor uma categorização de construções do tipo. Para a pesquisa que aqui se propõe, constituiu-se um *corpus* de análise a partir de ocorrências reais provenientes do Corpus do Português (CdP) (DAVIES & FERREIRA, 2016), da seção Web/Dialetos, acrescentando ocorrências encontradas em *tweets*. O *corpus* é sincrônico, coletado no período compreendido entre 2013 até 2014. O *corpus* de *tweets* contempla ocorrências coletadas entre 2021 e 2022. Esta investigação se justifica pela necessidade de se expandir o conhecimento linguístico relativo a construções regulares no português brasileiro (PB), escassamente descritas pela teoria, usando um método de análise não muito explorado no Brasil (ALONSO, OLIVEIRA, FUMEAUX, 2019). Com os resultados, foi possível trabalhar com um *cluster* semântico de alguns verbos mais atraídos (*saber*, *poder* e *conseguir*), os quais foram entendidos como pertencentes ao *frame* de capacidade, na classificação da FrameNetBR (SALOMÃO, 2020). Além disso, atestou-se a existência de desejos irônicos, emprego ainda não descrito na teoria para outras línguas. Por fim, este trabalho dialoga com projetos já desenvolvidos e em desenvolvimento a respeito do tema no PB, tais como Hirata-Vale (2017), Coimbra (2019), Coradini (2019, 2021, 2022), Alves (2019) e Comarim e Hirata-Vale (2023).

Palavras-chave: Insubordinação; Análise Colostrucional; Sintaxe Funcional.

## ABSTRACT

In this course conclusion work, the conditional constructions headed by [*se ao menos*] (if only) are analyzed quali quantitatively. Unlike those in which the main clause is expressed, they only admit verbs in the imperfect subjunctive, something that Hirata-Vale (2015) pointed out as a structural indicator of constructions that tend towards insubordination (EVANS, 2007). To investigate this trend, it was proposed to carry out a collostructional analysis, defined by Hilpert (2014) as a possibility within the methods presented by Corpus Linguistics, which aims to discover which lexical items co-occur with a given construction. The expectation is that this information will allow a better understanding of the insubordinate constructions headed by [*se ao menos*], to describe in greater detail such use, in addition to proposing a categorization of this type of constructions. For the research proposed here, a *corpus* to be analyzed was constituted from real occurrences from the Corpus do Português (CdP) (DAVIES & FERREIRA, 2016), from the session Web/Dialects, adding occurrences found in tweets. The corpus is synchronic and the occurrences from CdP were collected between 2013 and 2014, and tweets were collected between 2021 and 2022. This investigation is justified by the need to expand the linguistic knowledge related to regular constructions in Brazilian Portuguese (BP), scarcely described by theory, using an analysis method not very explored in Brazil (ALONSO, OLIVEIRA, FUMEAUX, 2019). With the results, it was possible to work with a semantic cluster of some of the most attracted verbs (*saber, poder e conseguir*), which were understood as belonging to the capacity frame, in the FrameNetBR classification (SALOMÃO, 2020). In addition, the existence of ironic desires was attested, a use not yet described in theory for other languages. Finally, this work dialogues with projects already developed and under development on the subject in BP, such as Hirata-Vale (2017), Coimbra (2019), Coradini (2019, 2021, 2022), Alves (2019) and Comarim e Hirata-Vale (2023).

Keywords: Insubordination; Collostructional Analysis; Functional Syntax.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Exemplo da busca por todos os verbos "saber" do corpus em análise no software AntConc (ANTHONY, L. 2020).....	39
<b>Figura 2</b> - Linhas de comando necessárias para a execução da análise colexêmica com o pacote Collostructions (FLACH, 2017) .....	44
<b>Figura 3</b> - Modelo de resultado da análise colexêmica com o pacote Collostructions (FLACH, 2017).....	44

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - 20 verbos mais atraídos pela construção condicional in subordinada [se ao menos] .....	47
<b>Tabela 2</b> - Lista de verbos que mais coocorrem com os verbos de capacidade analisados.....	51
<b>Tabela 3</b> - Indicação de domínios semânticos para os verbos que coocorrem com os verbos de capacidade analisados.....	52
<b>Tabela 4</b> - Resultado completo da Análise Colostrucional realizada neste estudo.....	63

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Esquema do processo de insubordinação.....	21
<b>Quadro 2</b> - Modelo de anotação dos dados para interpretação no RStudio .....	39
<b>Quadro 3</b> - Forma de construção da planilha com quantidade dos verbos no corpus para posterior análise.....	40
<b>Quadro 4</b> - Contagem das 10 coletas para construção do corpus.....	40
<b>Quadro 5</b> - Exemplo de tabela de contingência.....	42

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
2.1 BASES TEÓRICAS .....	18
2.2 A INSUBORDINAÇÃO .....	19
2.3 CONSTRUÇÕES DO TIPO [SE AO MENOS] .....	24
2.4 CONSTRUÇÕES [SE AO MENOS] NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	28
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>34</b>
3.1 O CORPUS.....	34
<b>3.1.1 Etapas de preparação do corpus.....</b>	<b>36</b>
3.2 A ANÁLISE COLOSTRUCIONAL .....	41
<b>4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>46</b>
4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL E SUAS INDICAÇÕES ..	47
<b>4.1.1 Verbos de capacidade.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1.2 Outro uso da CCI com [se ao menos] .....</b>	<b>54</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
APENDICE – A .....	63

## 1 INTRODUÇÃO

A relação de articulação de orações é um tema já recorrente no âmbito dos estudos gramaticais, em que desde o período escolar fala-se sobre coordenação, subordinação e o que se espera de cada um desses usos. Sabe-se, entretanto, que o tratamento dado aos estudos linguísticos, especialmente aqueles que alcançam o ambiente escolar, muito se pauta na língua escrita e em uma norma que, muitas vezes, exclui dos seus estudos ocorrências e usos muito empregados na comunicação, mas que se esquivam de elegantes descrições. É o caso das orações insubordinadas.

Direcionando tal discussão para aquilo que se pretende abordar nesta monografia de conclusão de curso, a subordinação é definida pelas gramáticas normativas mais tradicionais como a relação entre duas orações, sendo uma delas dependente da outra. Bechara (2009) as define como exercendo a função de um advérbio condicional, ou seja,

(...) uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, [é] considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir (...) [e que] pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por hipotaxe ou subordinação, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade. (BECHARA, 2009, p. 381)

Tem-se, portanto, na tradição gramatical, a subordinação sendo entendida como um tipo específico de oração que passa a ser utilizada como acessória de outra, considerada a principal. Essa oração subordinada teria o seu sentido dependente do sentido da principal e seria, ainda, encabeçada por conjunções subordinativas. São vários os modos que uma oração pode ser subordinada a outra, havendo subdivisões entre as orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Novamente, buscando direcionar essa discussão ao que se pretende abordar nessa monografia, de um modo mais específico, tem-se as orações subordinadas adverbiais condicionais, as quais “funcionam sempre como termo acessório de outra oração” (CUNHA E CINTRA, 2017, p. 612), como esperado das orações subordinadas, e são introduzidas por conjunções condicionais como *se*, *conforme*, *apenas*, *caso* e *enquanto*, por exemplo.

O fenômeno da condicionalidade é, para a lógica clássica, o conjunto de construções complexas constituídas por duas orações, a principal (prótase ou P) e a subordinada (apódose ou Q), e uma conjunção condicional, que atua como operador lógico na relação entre as orações. Essa relação é chamada de implicação material ( $\rightarrow$ ).

Quando se pensa logicamente sobre as construções condicionais, entende-se que o cumprimento daquilo que está expresso na prótase depende do cumprimento do que está expresso na apódose, como em (1). No exemplo abaixo, o interlocutor só receberá os 10 reais *SE* cumprir a condição de lavar o carro do falante.

(1) Se você lavar o meu carro, te dou 10 reais.

Tudo o que foi exposto sucintamente até este ponto trata dos aspectos mais gerais e regulares dos fenômenos da subordinação e da condicionalidade, mas é importante ter em mente que essas conclusões, apesar de relevantes, não esgotam os estudos linguísticos sobre esses temas, nem tudo aquilo que os falantes, enquanto usuários das línguas naturais, podem fazer em um ambiente comunicativo. É possível, por exemplo, que se expresse um sentido condicional, sem que haja uma conjunção condicional, como discutido em Hirata-Vale (2005).

Logo, a construção em estudo nessa monografia de conclusão de curso, a saber, a construção condicional in subordinada com [se ao menos], escapa dessas definições basilares amplamente difundidas, como se discutirá nas seções que se seguem. Por seu caráter singular, nesse estudo se propõe uma descrição do comportamento e dos usos dessa construção.

Para começar, este trabalho se debruça sobre construções como em (2):

(2) Eu não posso mais nem beber umas cervejinhas de fds que acordo me sentindo um zumbi. Esse negócio de ficar velho é mto triste, *se ao menos eu pudesse me aposentar* (TWITTER)

Em um primeiro momento, já é possível apontar a existência de uma conjunção condicional (*se*) encabeçando a construção, algo que se espera das orações subordinadas adverbiais condicionais. Entretanto, contrariando aquilo que foi colocado pelas gramáticas tradicionais exemplificado acima, não é possível apontar uma oração principal a que a oração “se ao menos eu pudesse me aposentar” esteja subordinada e, portanto, funcione como termo acessório. Ela se apresenta como independente e veicula um sentido completo, como discutido em Patard (2014).

As construções in subordinadas são, portanto, casos em que a oração principal está sintaticamente ausente, mas a conjunção condicional *se* é marcada. Ainda que haja a incompletude sintática da oração, elas são prosodicamente completas, o que “(...) indica que os

enunciados estão completos do ponto de vista prosódico, a entonação não indica a espera por um segmento seguinte” (PATARD, 2014, p. 121, tradução própria)<sup>2</sup>.

Indo além, essas orações também apresentam uma semântica particular que se distancia da condicionalidade, como discutido em Comarim e Hirata-Vale (2023) e se mencionará adiante. Há, nesse uso, a emergência da expressão de desejo, mais especificamente um desejo que dificilmente será realizado (D’HERTEFELT, 2015) e que, dessa forma, vem carregado com sentimentos como lamentação, amargura e arrependimento.

No livro do psicólogo norte-americano Robert L. Leahy, intitulado “*If Only... Finding Freedom from Regret*” publicado em 2022, traduzido para o português no ano de 2023 sob o título “Se ao menos... Liberte-se do arrependimento e viva melhor a partir dos conhecimentos da ciência cognitiva”, o autor propõe a existência dos pensamentos “se ao menos...” como uma das partes-chave dos arrependimentos que são nutridos pelas pessoas. Ao pautar todo o seu estudo psicológico nesse pensamento encabeçado pela construção [se ao menos] e afirmar que se trata de uma construção que expressa arrependimento, e não condição, o autor se aproxima, ainda que por outro domínio do conhecimento, de algo que linguistas já vêm discutindo sobre esse tipo de construção e se discutirá, também, adiante.

Todo o comportamento singular dessa construção parte da noção de insubordinação, ideia proposta primeiro em Evans (2007), trabalho em que o autor sugere a existência de um contínuo de insubordinação, no qual as construções vão se tornando cada vez mais independentes. Além dele, outros autores expandiram sua proposta e em Hirata-Vale (2015), por exemplo, a autora sugere que as construções podem adquirir outros valores que são determinados pragmaticamente.

É neste cenário teórico que estão as construções insubordinadas encabeçadas por [se ao menos] que, contemplam particularidades estruturais e uma semântica que se afasta da condicionalidade. Por seu caráter não prototípico, ainda que seja amplamente utilizada pelos falantes, essa construção não é tão estudada, e acaba sendo marginalizada mesmo nos estudos linguísticos:

é precisamente essa 'irregularidade' [da construção insubordinada], que a faz escapar aos moldes da gramática tradicional, a responsável pela pouca atenção dada à insubordinação nas descrições gramaticais. Isso é verdade mesmo para as gramáticas de referência de línguas bem descritas, como o latim, o grego clássico, e o inglês (conforme observado por Evans e Watanabe 2016: 19). Como um tipo de oração que não atende aos critérios de completude da sintaxe escrita, as orações insubordinadas foram ignoradas em trabalhos linguísticos anteriores ou marginalizadas como

---

<sup>2</sup> “Cela semble indiquer que les énoncés sont complets du point de vue prosodique, l’intonation ne signalant pas l’attente d’un segment à venir.” (PATARD, 2014, p. 121, tradução própria)

anomalias. (BEIJERING, KALTENBÖCK E SANSIÑENA, 2019, p. 3, tradução própria)<sup>3</sup>

Pretende-se, portanto, que esse trabalho qualiquantitativo de viés funcionalista, mais especificamente cognitivo-construcional (GOLDBERG, 1995), discuta sobre aquilo que se sabe sobre esse tipo de construção, a qual já vem sendo estudada em outras línguas, propondo agora uma contribuição que visa analisar o que é possível afirmar sobre esse uso no PB. Neste trabalho, vai-se abordar, além das características gerais do uso, como componentes lexicais se relacionam com o sentido de desejo expresso por ela.

Considerando o viés funcionalista deste trabalho e para atingir o objetivo proposto, será mobilizada a análise colostrucional (HILPERT, 2014) que, ao ser aplicada em um *corpus* constituído de *tweets* e ocorrências provenientes da seção Web/Dialetos do Corpus do Português (CdP) (DAVIES E FERREIRA, 2007), mostrará quais verbos são atraídos pela construção e, portanto, permitirá uma discussão sobre como o verbo impacta na expressão do sentido de desejo, que se argumenta estar presente na construção. Para isso, parte-se da proposta de Hilpert (2021) para o desenvolvimento de uma análise colostrucional em que diz que “a ideia básica é [...] de que o significado construcional é refletido em associações entre padrões sintáticos e elementos lexicais.” (HILPERT, 2021, p. 95, tradução própria)<sup>4</sup>.

Em busca de compreender os objetivos deste trabalho e apresentar os resultados obtidos, esta monografia possui uma seção de fundamentação teórica, na qual são apresentados os principais trabalhos sobre o tema no português e outras línguas. Os dados e os métodos empregados no desenvolvimento desta investigação estão na seção “Materiais e Métodos”, a qual se segue pela discussão dos resultados obtidos através da análise. Por fim, a seção que encerra esta monografia apresenta as considerações finais desta pesquisa e aponta para futuros caminhos de pesquisa.

---

<sup>3</sup> It is precisely this ‘unruliness’ which makes it fall outside the molds of traditional grammar that can be seen as responsible for the lack of attention in subordination has received in grammatical descriptions. This is true even for the reference grammars of well-described languages such as Latin, Classical Greek and English (as noted by Evans and Watanabe 2016b: 19). As a clause type which does not meet the criteria of completeness of written syntax, in subordinate clauses were either ignored in earlier linguistic work or marginalized as anomalies. (BEIJERING, KALTENBÖCK E SANSIÑENA, 2019, p. 3, tradução própria).

<sup>4</sup>The basic idea is [...] constructional meaning is reflected in associations between syntactic patterns and lexical elements. (HILPERT, 2021, p.95, tradução própria)



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutem-se as bases teóricas mais gerais, as quais abarcam e guiam o desenvolvimento da pesquisa, bem como justificam certas decisões metodológicas que foram tomadas no decorrer da investigação. A intenção principal é expor informações da bibliografia que fundamenta a presente pesquisa, sempre buscando propor um recorte que evidencie aqueles trabalhos que mais influenciaram essa monografia.

A seção se inicia com uma breve discussão teórica sobre as análises baseadas no uso e, a seguir, serão elencados alguns desenvolvimentos dos estudos sobre insubordinação no português e em outras línguas, dando destaque aos estudos sobre construções correlatas à insubordinada [se ao menos], também em português e em outras línguas. Por fim, trata-se das intenções que levaram ao desenvolvimento de uma análise colostrucional e quais são os dados que eram buscados quando se propôs tal análise.

### 2.1 BASES TEÓRICAS

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir de um viés funcionalista e, apesar de reconhecer as diferentes correntes que se inserem naquilo que se entende como funcionalismo na Linguística, tomou-se como aspectos centrais do paradigma aquilo que, segundo Butler (2003), são características comuns a todas as vertentes funcionais, sendo elas:

- Ênfase na linguagem como meio de comunicação humana em contextos sociais e psicológicos;
- Discordância à ideia de que a gramática é arbitrária e autocontida, em favor da explicação funcional em termos de fatores cognitivos, socioculturais, fisiológicos e diacrônicos;
- Discordância à ideia de que a sintaxe é um sistema contido em si mesmo, em favor de uma abordagem que semântica e pragmática são centrais, tendo a sintaxe como um meio para a expressão dos significados, que é pelo menos parcialmente motivada por esses significados.

Dessa forma, em consonância com os interesses das abordagens funcionais, a Gramática de Construções se apresenta como uma perspectiva possível a ser adotada que, além de priorizar o estudo da língua em uso, permite pensar a sintaxe como um meio de expressão dos sentidos e, além disso, sugere que a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações, uma vez que *construções* são entendidas como pareamentos convencionais de forma e significado, como sugerido em Goldberg (2006), Hoffman e Trousdale (2013), Traugott e Trousdale (2021) e outros.

Nesse sentido, essa pesquisa foi proposta com vias a investigar a relação da construção insubordinada [se ao menos] com certos tipos verbais, de modo a verificar se é possível encontrar indícios que permitam estabelecer relações entre esses tipos verbais e a constituição da semântica de desejo. Para isso, partiu-se do trabalho de Hilpert (2014), que afirma que um verbo só é aceitável em dada construção, se os argumentos forem compatíveis com os papéis especificados por ela. Sendo assim, a proposta da Gramática de Construções parece oferecer boas alternativas para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Considerando o interesse em se investigar a relação de associação entre a construção [se ao menos] e os verbos que com ela ocorrem, a partir de uma perspectiva funcionalista, mais especificamente sua consonância com os apontamentos encontrados na Gramática de Construções, esperava-se, portanto, que os resultados obtidos através da análise pudessem contribuir para uma melhor descrição do fenômeno.

A abordagem funcionalista justifica a escolha de adotar ocorrências coletadas do Twitter, em *tweets*, como *corpus*, já que, além de a rede social proporcionar um grande número de dados para serem analisados, são usos reais e atuais, configurando um *corpus* sincrônico que está de acordo com os variados usos em que a construção aparece na comunicação dos falantes. Pela mesma razão optou-se por trabalhar com o CdP, já que, além de ser sincrônico, contempla ocorrências da *web*.

Nas próximas subseções, propõe-se uma breve discussão sobre o fenômeno da insubordinação e, mais objetivamente, das construções condicionais insubordinadas [se ao menos]. Os usos e os interesses pelo desenvolvimento de uma análise colostrucional também serão abordados.

## 2.2 A INSUBORDINAÇÃO

A insubordinação é um fenômeno que pode, em geral, ocorrer com qualquer tipo de construção subordinada, como se discutirá adiante. O interesse dessa investigação, entretanto, repousa sobre as construções de estrutura condicional, mais especificamente. No que tange a essas construções, é possível afirmar que são estudadas por meio de várias abordagens linguísticas, as quais partem de diferentes interesses em relação aos fenômenos a serem descritos. Para Dancygier (1998), as condicionais constituem uma área do uso da língua em que a interação entre forma, significado e contexto é excepcionalmente complexa e fascinante. É por esse motivo que usos linguísticos como a insubordinação, por exemplo, contrariam definições utilizadas amplamente, já que, ainda segundo Dancygier (1998), a forma das condicionais parece escapar de descrições elegantes e uniformes.

Dado o seu comportamento singular, as insubordinadas com estrutura condicional acabam sendo deixadas de lado na grande parte das principais gramáticas das línguas, como apontado por Evans (2007), em razão de seu comportamento não prototípico. No caso da construção aqui abordada, ainda que as orações apresentem marcas de condicionalidade, argumenta-se que a sua função não expressa, de fato, uma condição. Além disso, contradizem outros aspectos centrais tradicionalmente estabelecidos sobre a articulação de orações, como os aspectos formais, já que são, segundo Evans (2007), orações em que há formalmente alguma marca de subordinação, mas são empregadas de maneira sintática, semântica e pragmaticamente independente. De forma a corroborar aquilo que foi dito por Evans (2007) quanto à marginalização de fenômenos do tipo, buscou-se por construções insubordinadas em gramáticas de referência do português brasileiro, como Bechara (2019) e Cunha & Cintra (2017). Nas duas gramáticas não há menção de aspectos relativos à insubordinação; há apenas a distinção dicotômica entre as articulações oracionais por meio da coordenação e subordinação, seguida pela definição das orações subordinadas adverbiais condicionais.

Bechara (2019) as define como exercendo a função de um advérbio condicional e que, portanto, são introduzidas por conjunções condicionais como *se*, *conforme*, *apenas*, *caso* e *enquanto*. Já para Cunha & Cintra (2017) as “orações subordinadas funcionam sempre como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração”.

Como podemos observar nas definições mencionadas, as orações subordinadas são caracterizadas como orações que apresentam um indício de subordinação e expressam uma relação de dependência, já que exercem uma função adverbial em relação à oração principal. Em outras palavras, elas são entendidas como parte da oração principal, excluindo-se a possibilidade de ocorrências autônomas como a que se investiga aqui.

Nos afastando um pouco da subordinação e partindo para a insubordinação, esse termo foi proposto por Evans (2007) e se refere a um processo diacrônico de independentização de uma construção de estrutura subordinada até que ela passe a ocorrer com um sentido completamente independente. A insubordinação é pensada pelo autor como o processo em que construções que têm algumas características das construções subordinadas deixem de se comportar como uma, já que passam a funcionar como sintática, semântica e pragmaticamente completas.

O trabalho de Evans (2007) é considerado pioneiro em relação aos estudos de orações insubordinadas, porém, não é o único. A sua proposta explica a existência das insubordinadas pautando-se na elipse da oração principal como fator essencial para a formação das construções por ele estudadas, e sugere que a construção ganha independência no decorrer do tempo.

O autor propõe que se encare essas construções por meio das lentes da diacronia, de forma que a insubordinação seja um processo que se inicia com a elipse da oração principal em uma oração originalmente subordinada, passando pelo estágio de convencionalização do uso, até atingir o quarto estágio, que se dá quando a oração primitivamente subordinada é empregada como oração principal, podendo ser vista como uma construção independente. O quadro a seguir ilustra as etapas do processo de insubordinação, as quais serão brevemente discutidas:

**Quadro 1** - Esquema do processo de insubordinação

<b>Insubordinação</b>	<b>Elipse</b>	<b>Elipse Convencionalizada</b>	<b>Re-análise como uma estrutura principal</b>
<b>(1)</b>	<b>(2)</b>	<b>(3)</b>	<b>(4)</b>
Construção subordinada	Elipse da oração principal	Restrição à interpretação do material elíptico	Uso convencionalizado como principal de oração originalmente subordinada (construcionalização)

Fonte: Evans, 2007, p. 370

Na primeira etapa, a construção subordinada é utilizada no seu modo “convencional”, ou seja, a oração principal é sintaticamente expressa e a oração subordinada se relaciona com ela, exercendo sua dependência. Já na segunda etapa, embora a oração principal sofra elipse, ainda pode ser recuperada através de inferências conversacionais. Nessa etapa, segundo Evans (2007), qualquer oração principal compatível pode ser recuperada pelo ouvinte, já que não há nenhuma restrição semântica limitando essa reconstrução. Na terceira etapa, as possibilidades de recuperação da oração principal são mais limitadas, já que semanticamente somente algumas

construções são compatíveis. Por fim, na última etapa, a construção passa pelo processo denominado “construcionalização”, e adquire um significado próprio, não sendo mais possível recuperar qualquer material elíptico.

Ainda que seja de extrema relevância, a proposta de Evans (2007) não esgota completamente os estudos sobre insubordinação, já que outros autores apresentaram e continuam apresentando novas formas de se observar o fenômeno. Um exemplo é a proposta de Mithun (2008), a primeira a questionar aquilo que foi dito por Evans (2007). Nela, a autora sugere que as análises encarem a insubordinação para além da sintaxe, ou seja, para além de apenas uma supressão da oração principal, afirmando que se deve também considerar o plano discursivo. Mithun (2008) argumenta que a construção insubordinada pode estar relacionada a outros tópicos já mencionados ou turnos de fala anteriores, e nomeia este processo como “*dependency extension*”, ou extensão da dependência funcional.

Outros autores também sugerem análises que tratem dos níveis pragmático e discursivo, por exemplo D’Hertefelt e Verstraete (2013). Em seu trabalho, os autores propõem que, embora sejam independentes sintaticamente, as construções insubordinadas ainda são dependentes, porém, nos níveis pragmático e discursivo.

O caráter diacrônico da proposta de Evans (2007) é discutido no estudo de Van Linden e Van de Velde (2014), que, ao analisarem cinco construções do neerlandês, apontam para a necessidade de se pensar, também, na sincronia, considerando que o uso das construções insubordinadas pode ser pensado através de relações semântico-pragmáticas, indo além de apenas uma supressão da oração principal. Os autores, de maneira semelhante ao que foi apontado por Mithun (2008), propõem que a dependência ocorre não mais no nível sintático, mas nos níveis pragmático e discursivo e que, portanto, a insubordinação pode ser explicada na sincronia.

Seguindo o mesmo raciocínio, Sansiñena, de Smet e Cornillie (2015) analisaram orações coletadas, em grande parte, de um *corpus* composto por sequências de perguntas e respostas. Em suas considerações, os autores reconhecem que as orações ocorrem de maneira independente, mas, por vezes, se relacionam com o turno de fala anterior e, por essa razão, passam a exercer funções discursivas diversas relacionadas à organização textual e a relações interpessoais. Nesse sentido, estão em consonância com os outros autores que propõem que a insubordinação pode ir além da sintaxe e da diacronia, em oposição ao que foi inicialmente proposto por Evans (2007).

Essa mudança de plano, em que as construções insubordinadas passariam a atuar para além do nível sintático, exercendo significados relacionados à interação falante-ouvinte, à

atitude do falante e à organização do texto, foi investigada em Heine, Kaltenböck e Kuteva (2016). Segundo os autores, as orações subordinadas seriam cooptadas do nível da Gramática Sentencial e passariam a atuar no nível da Gramática Tética. Ao mudarem seu nível de atuação, as construções insubordinadas se tornariam elementos téticos e, portanto, teriam diferentes graus de independência, indo de mais independentes e composicionais, até atingirem o seu uso formulaico, totalmente fixo.

Em consonância com a ideia de que o nível de independência das construções insubordinadas varie, sobre o PB, Hirata-Vale (2015) propôs um contínuo de insubordinação que vai desde as ocorrências mais espontâneas, até aquelas mais construcionalizadas e independentes. Na representação proposta pela autora, o grau de independência das construções condicionais insubordinadas (CCIs) aumenta da esquerda para a direita:

### **CCIs espontâneas > CCIs construcionais > CCIs formulaicas**

Para Hirata-Vale (2015), as CCIs espontâneas são as menos independentes, já que só podem ser interpretadas se pensadas em relação ao contexto discursivo em que estão inseridas. A princípio, qualquer oração principal pode ser resgatada na interpretação, tendo em vista que as CCIs espontâneas não apresentam nenhuma estrutura fixa, além da conjunção *se*, por isso são fortemente dependentes do contexto de uso para que sejam interpretadas corretamente, como em (3):

(3) LULA – Eu penso que o povo brasileiro está percebendo que é mais fácil falar do que fazer. É verdade que o ENEM não mede a qualidade do ensino fundamental, mas ele mede a qualidade das pessoas que estão fazendo a prova. E São Paulo ficou em oitavo lugar. Segundo, é um problema para o Brasil, porque se no Estado mais rico as coisas não acontecem assim... (PB/Corpus Brasileiro apud HIRATA-VALE, 2015, p. 45)

No segundo nível do contínuo proposto pela autora, as CCIs são mais independentes e há padrões morfossintáticos que vão além da conjunção *se*. Esses padrões morfossintáticos impedem a reconstrução de qualquer oração principal, licenciando apenas algumas reconstruções. Dentre esses padrões morfossintáticos, tem-se o emprego de certos tempo e modo verbais, bem como o uso de expressões fixas, como o “ao menos”, objeto deste estudo e daquele em Comarim e Hirata-Vale (2023), por exemplo.

(4) - Em Lisboa, meu padrinho disse-me hoje...  
 - Quê? Em Lisboa? Então tu não vieste de cima, da Beira, a aproveitar a viagem de volta?  
 - Não, tia - confessei, deixando cair a voz.

- Eu fui até Lisboa... Mas apareci de surpresa lá em casa, vi o que nunca tinha visto, e fugi para cá, no primeiro comboio. **Se ao menos tivesse ido pelo ar com uma bomba!** Minha tia olhava-me fixamente, compreendendo tudo nas minhas reticências, nos soluços que eu, por fim consegui soltar, escondendo os olhos no ombro dela. (PE/CORPUS DO PORTUGUÊS apud HIRATA-VALE, 2015)

Finalmente, no último nível proposto por Hirata-Vale (2015) tem-se as CCIs formulaicas, as mais independentes e que, segundo a autora, tendem a expressar um comentário ou uma avaliação do falante, como em (5):

- (5) Lembro que uma vez me levaram pra: mostrar como eles faziam aqueles tipozinhos, **se eu não me engano** - de chumbo - é chumbo né? - depois organiza aquilo tudinho - é: - já vem depois de corrigido aquilo é corrigido. (PB/CORPUS DO PORTUGUÊS apud HIRATA-VALE, 2015, p. 50)

Hirata-Vale (2015) também analisou as funções pragmático-discursivas das construções e atestou que podem veicular ordens, pedidos, ameaças, sugestões, expressar valores adversativos, além de sentidos subjetivos como crenças, desejos e avaliações. A conclusão de que as CCIs podem ser usadas como a expressão de desejo, mais especificamente aquelas encabeçadas por [se ao menos], foi ao encontro de vários estudos sobre diversas outras línguas e, posteriormente, sobre o PB em Comarim e Hirata-Vale (2023). Isso será discutido na próxima subseção, na qual trabalha-se com as construções condicionais do tipo [se ao menos] em outras línguas.

### 2.3 CONSTRUÇÕES DO TIPO [SE AO MENOS]

A noção de que as construções do tipo [se ao menos] existem em várias línguas e exercem papel semelhante àquele desempenhado no PB é explorada por diversos autores. O trabalho de Grosz (2012) é um desses estudos que se propõe a mostrar a existência e as semelhanças entre essas construções, que podem ser constituídas de itens lexicais diferentes através das línguas, mas que funcionam do mesmo modo na expressão de desejos. Mobilizando o trabalho do autor e outros sobre o tema, nesta subseção espera-se apresentar um panorama geral dos estudos sobre as construções do tipo [se ao menos].

Rifkin (2000 apud GROSZ, 2012) demonstrou que as construções subordinadas com estrutura semelhante a [se ao menos] são comuns em muitas línguas, o que faz com que também sejam estudadas de diversas formas e recebam várias nomenclaturas na literatura. Ainda que não sejam exclusividade das línguas germânicas, é sobre essa família linguística que se encontra

a maior quantidade de investigações sobre tais construções, como em inglês (STIRLING, 1999; DECLERCK E REED, 2001; PANTHER E THORNBURG, 2003; DANCYGIER E SWEETSER, 2005; GROSZ, 2012; D'HERTEFELT, 2015), alemão (BUSCHA, 1975; WEUSTER, 1983; OPPENRIEDER, 1989; THURMAIR, 1989; GROSZ, 2012; D'HERTEFELT, 2015), neerlandês (BOOGART E VERHEIJ, 2013; GROSZ, 2012; D'HERTEFELT, 2015), sueco (TELEMAN, HELLBERG, ANDERSSON, 2010; LINDSTRÖM Ms.; LAURY, LINDHOLM & LINDSTRÖM, 2013; D'HERTEFELT, 2015) e, além das línguas já mencionadas, D'Hertefelt (2015) também trabalha com essa construção em dinamarquês e islandês.

Apesar das diferentes formas de se encarar o objeto de estudo, parece ser um consenso entre autoras e autores que se dedicaram a descrever essas construções de que há um esmaecimento do sentido condicional, para dar lugar à expressão de desejo. Além disso, como mencionado, as CCIs com [se ao menos] recebem vários nomes na literatura, como construções optativas (*optatives*), desiderativas (*desiderative*) e de desejo (*desire* ou *wish*). Na classificação de Grosz (2012), o autor afirma que nessas construções há “uma declaração que expressa um desejo, um arrependimento, uma esperança ou uma vontade, sem conter um item lexical que signifique desejo, arrependimento, esperança ou vontade” (GROSZ, 2012. p. 148, tradução própria).<sup>5</sup>

É importante ressaltar, entretanto, que, apesar de seus empregos serem entendidos como equivalentes, nem sempre os itens lexicais que compõem a construção são necessariamente os mesmos, assim como apontado por Grosz (2012). O autor admite que não se usam sempre os correspondentes imediatos a *if* e *only*, componentes da construção em inglês, ou *si* e *seulement*, componentes no francês, sendo possível o uso de itens lexicais que correspondam às traduções da combinação de *if* e *at least*, como se observa no português, grego e algumas outras línguas.

Dessa forma, todos os estudos mencionados, ainda que não tratem de construções com componentes estritamente sinônimos a [se ao menos], se ocupam de construções que, assim como a descrita aqui, ocorrem de maneira subordinada, apresentam marcas de subordinação e condicionalidade e, além disso, expressam a noção de desejo.

Ainda que sejam muitas investigações, nem todos os estudos supracitados serão discutidos, de forma que se pretende dar ênfase àqueles que mais diretamente impactaram no desenvolvimento dessa pesquisa. Porém, considera-se, de maneira geral, que todos exercem igual importância e relevância na observação das CCIs do tipo [se ao menos].

---

<sup>5</sup> “(...) optatives are utterances that express a wish, hope or desire without containing a lexical item that means ‘wish’, ‘hope’ or ‘desire’” (GROSZ, 2012. p. 148, tradução própria).

Assim como proposto nessa monografia, os diversos autores que se ocupam dos trabalhos sobre essa construção parecem estar interessados em investigar suas particularidades morfossintáticas e como elas afetam a construção de um sentido que, em um primeiro momento, não seria o mais esperado, tendo em vista o uso da conjunção condicional *se*, ou *if* no inglês, concomitante ao esmaecimento da condicionalidade.

Começando, portanto, pelo aspecto formal mais característico das construções insubordinadas, já que contraria noções basilares da relação de subordinação entre orações, tem-se em Declerck & Reed (2001) um capítulo dedicado às condicionais sintaticamente incompletas, em que se discute a ausência da oração principal. Assim como D’Hertefelt (2015), os autores nomeiam essas construções como desejos contrafactuais (*counterfactual wishes*) e reconhecem, portanto, o esmaecimento do sentido condicional que dá lugar à expressão de desejo.

Outro marcador formal característico das construções em estudo é o advérbio *only*, ou *ao menos* no português, já que, além da conjunção *se*, esse padrão estrutural é recorrente. Stirling (1999), por exemplo, compara semanticamente as construções em que há o uso do *only* e aquelas em que o advérbio não ocorre. Para a autora, em ambos os casos há a expressão de desejo, mas naqueles em que *only* é expresso, implica-se na impossibilidade de realização do desejo, enquanto nas construções sem o advérbio ainda há uma brecha para a realização.

Panther e Thornburg (2003), em consonância com Stirling (1999), chegam em conclusões semelhantes sobre o uso e o não uso de *only* e acrescentam que, tendo em vista que os desejos expressos com o uso do advérbio refletem a impossibilidade de realização daquilo que o falante e/ou ouvinte vê como preferível, expressa-se, também, emoções negativas, como arrependimento, raiva, amargura, entre outras. Esse pensamento vai ao encontro da proposta do livro do psicólogo Robert Leahy, mencionado na introdução da monografia.

A noção de que essa construção expressa desejos dificilmente realizáveis é mais profundamente estudada por D’Hertefelt (2015), em seu trabalho sobre tal construção em seis línguas germânicas, a saber, inglês, alemão, dinamarquês, sueco, islandês e neerlandês. Por considerar que o conteúdo desse uso insubordinado expressa uma preferência por uma situação potencial, mas que sua realização está além do controle do falante e do ouvinte, D’Hertefelt (2015) nomeia essas construções como “construções deônticas não controladas” (*uncontrolled deontic constructions*).

A autora propõe subdivisões que classificam essas construções como desejos potenciais, *irrealis* e contrafactuais. Os desejos potenciais podem se tornar realidade eventualmente, já que não há nada em sua estrutura que indique algum impedimento para a realização (6). Os desejos

*irrealis* são entendidos como improváveis, mas não impossíveis (7), diferentemente dos desejos contrafactuais (8), que são completamente impossíveis de serem realizados, já que dizem respeito a situações passadas que não pode ser revertidas.

(6) DINAMARQUÊS

**Bare han kommer hjem.**

**'If only he comes home.**

Det regner og tordner og han er stadig ude..

It is raining and thundering and he's still out..'

(D'HERTEFELT, 2015, p. 80)

(7) ALEMÃO

**Wenn doch Italien nur ein Stückchen et was von der deutschen Effizienz hätte!**

**'If only Italy had the smallest bit of German efficiency!'** (D'HERTEFELT, 2015, p.83)

(8) INGLÊS

**If only Kitty had not done everything without her!** (D'HERTEFELT, 2015, p.84)

No que concerne à questão relativa a como os aspectos formais impactam na construção do sentido de desejo, Dancygier e Sweetser (2005), através da perspectiva da Linguística Cognitiva e mobilizando a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER E SWEETSER, 1996; FERRARI E SWEETSER, 2012; FAUCONNIER, 1997), tratam do impacto da conjunção *if* para o sentido da construção.

Para as autoras, o *if* atua como construtor (*space builder*) de um espaço mental hipotético, de forma que tudo aquilo que está sob o escopo do *if* não deve ser interpretado como pertencente ao espaço mental base (ou realidade). Além disso, as autoras comparam o uso da construção "*if only*" em orações subordinadas condicionais e nas construções insubordinadas. Sobre o último tipo, as autoras afirmam que não se trata de um uso condicional, mas reconhecem que há algumas conexões entre o uso subordinado e insubordinado das construções.

Essas conexões são entendidas pelas autoras em decorrência do uso do verbo como indicativo da postura epistêmica negativa do falante, de acordo com o que é apontado por Fillmore (1990). Isso significa afirmar que, nesses casos, não há um comprometimento do falante com a veracidade do conteúdo expresso na prótase. Para Dancygier e Sweetser (2005), a postura epistêmica negativa dos verbos já é capaz de expressar o valor de desejo, de forma que tal semântica não é de inteira responsabilidade da locução *if only*.

Além da postura epistêmica negativa, para as autoras, a postura emocional positiva também é muito característica dessas construções, uma vez que veiculam a preferência do falante pelo cenário hipotético desencadeado pelo cumprimento do desejo, e que não correspondem à realidade. Dancygier e Sweestser (2005) finalizam apontando que o *if only* se tornou um performativo, cuja semântica básica é o comprometimento do falante ao expressar o seu forte desejo e a sua crença de que ele ainda não foi completamente satisfeito.

Nesta seção, buscou-se mostrar o panorama geral dos estudos que se ocupam das construções insubordinadas do tipo [se ao menos]. Antes de partir para os estudos sobre a construção no português brasileiro, é interessante pontuar que o consenso dos estudiosos quando se debruçam sobre essa construção parece ser de que:

- Há marcas formais de condicionalidade e essa semântica ainda exerce impacto no uso da construção, mesmo que esteja esmaecido;
- São construções com padrões morfossintáticos fixos, mas há espaço para variação (como uso de diversos verbos);
- Expressam desejo e, mais especificamente, desejos que muitas vezes fogem do controle do falante e do ouvinte. Por essa razão carregam consigo a semântica de lamentação e arrependimento;
- Ainda que composta por itens lexicais que não são estritamente sinônimos, a construção aparece e funciona de maneira semelhante em várias línguas.

Tendo em vista as considerações acima, na próxima seção pretende-se discutir sobre os estudos no PB e quais são as conclusões já existentes, antes de partir para a investigação desenvolvida nesta monografia e como ela ocorreu.

## 2.4 CONSTRUÇÕES [SE AO MENOS] NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Os estudos mencionados na seção anterior serviram de base para o desenvolvimento do trabalho de Comarim e Hirata-Vale (2023), em que as autoras, partindo da noção de que as CCIs podem expressar valores que são determinados pragmaticamente (HIRATA-VALE, 2015) e de que parece haver, de fato, um esmaecimento do sentido condicional nas construções do tipo [se ao menos], propõem uma investigação dessa construção através dos parâmetros de condicionalidade definidos em Dancygier (1998).

Antes de prosseguir para o estudo de Comarim e Hirata-Vale (2023), é interessante regressar um pouco para aquilo que se entende por condicionalidade e qual o cenário que

motivou a proposta de Dancygier (1998), de modo a entender os motivos que os fazem relevantes para a investigação das insubordinadas [se ao menos].

Em outro momento desse trabalho, mencionou-se que as construções subordinadas são estudadas a partir de diferentes abordagens linguísticas e, em muitos períodos, os estudiosos estavam focados em propor formas de distinguir os diferentes tipos de condicionais. Como comentado por Dancygier (1998), diversos estudos surgiram com a finalidade de tratar os vários tipos de condicionais, na tentativa de apontar as divergências entre um tipo de condicional e outro. Entretanto, diante de tantas definições que buscavam diferenciar as condicionais, Dancygier (1998) buscou estabelecer parâmetros que, acima das diferenças, permitissem classificar as condicionais enquanto categoria, extrapolando a classificação geral *se p, q*, a qual já não era suficiente, segundo a autora.

A proposta da autora buscou estabelecer parâmetros que as condicionais tendem a apresentar, ainda que expressem outras diferenças estruturais ou pragmáticas, e tratou as condicionais como construções, isto é, unidades simbólicas que relacionam forma e significado. Nesse sentido, uma das questões centrais dessa proposta é a de responder como marcadores linguísticos ajudam o ouvinte a chegar à determinada interpretação e não à outra.

Em sua argumentação, a autora menciona as abordagens lógico-semânticas, que analisam as condicionais com base em valores de verdade e entendem o conectivo *if* (no caso do português, *se*) como um operador lógico, resolvendo os problemas interpretativos com justificativas que partem para o nível pragmático, isto é, direcionam as interpretações não-lógicas para o contexto, se valendo, por exemplo, da Máxima da Relevância de Grice (1975, 1978, *apud* LEVINSON, 2020). Em outras palavras, tudo aquilo que é interpretado, mas que ultrapassa o conteúdo lógico, é esclarecido através das máximas.

Na ocorrência em (9), por exemplo, ao se considerar a apódoxe como verdadeira, ainda que o ouvinte falhe em cumprir o conteúdo da prótase, ele será pago, adotando uma interpretação lógica. Sabe-se, porém, que tal interpretação é improvável. Essa improbabilidade interpretativa é, então, explicada através da Máxima da Relevância, ou seja, não há razões para que o falante enuncie a condição em *p*, considerando que tanto o sucesso quanto a falha em seu cumprimento resultariam no pagamento, mesmo que a tabela de valores de verdade indique outro resultado.

- (9) Se você limpar a casa, eu pagarei pelo seu serviço.

Para Dancygier (1998), entretanto, o *if* funciona como uma instrução para o ouvinte de que aquilo que está em seu escopo não deve ser interpretado como assertivo, já que um dos parâmetros da condicionalidade é, justamente, a **não assertividade**, como em (10):

(10) If he is a college professor, I am the Easter Bunny (DANCYGIER, 1998, p. 30)

Não é apenas o conectivo que tem a função de marcar a não-assertividade das condicionais, como mencionado pela autora, mas outros indícios linguísticos também exercem essa função, como aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, que contribuem para a garantia do sentido das condicionais. Sobre o português, Hirata-Vale (2005) menciona que há diferentes expedientes, além do canônico – a oração adverbial condicional marcada pela conjunção *se* –, para realizar tal valor.

Logo, um aspecto importante das condicionais é a sua interpretação dentro de um cenário hipotético, que não deve ser adotado como assertivo. É em relação a isso que Dancygier (1998) propõe o uso de determinados indicadores linguísticos como construtores de **espaços mentais** hipotéticos, dentro dos quais as construções condicionais podem ser interpretadas.

A relação particular entre o espaço base (realidade) e o espaço condicional que está sendo construído vai se dar lexicalmente ou gramaticalmente (por uma morfologia verbal especializada), mas a verdadeira interpretação dos espaços como compatíveis ou incompatíveis não é uma questão apenas da linguagem, mas primariamente da estrutura dos espaços, ao passo em que eles são construídos e negociados no discurso. (DANCYGIER, 1998, p. 32, tradução própria)<sup>6</sup>

É, então, por meio desses indícios que as construções condicionais exercem a sua função como construtoras de espaços mentais, sendo essa capacidade uma das principais de tais construções, já que permitem a elaboração de cenários que não dizem respeito à realidade.

Além dos dois parâmetros já mencionados para as construções condicionais, de não assertividade e de construção de espaços mentais hipotéticos, a autora também menciona a relação de **causalidade** presente entre *p* e *q* nas construções condicionais. Essa relação pode ser entendida dentro da categorização das condicionais realizada por Sweetser (1990), sendo os

---

<sup>6</sup> The particular relation between the parent (reality) space and the conditional space being set up will be constrained lexically or grammatically (by specialized verb morphology), but the actual interpretation of spaces as compatible or incompatible is not a matter of language only, but primarily of the structure of the spaces, as they are built and negotiated in discourse. (DANCYGIER, 1998, p. 32)

domínios cognitivos o de conteúdo (*Content Conditionals*) e o epistêmico (*Epistemic Conditionals*), e o domínio de ato de fala (*Speech Act Conditionals*).

Por fim, os dois últimos parâmetros mencionados por Dancygier (1998) são a capacidade de **predição** das construções condicionais, partindo da noção de que tais construções podem construir espaços hipotéticos futuros e, por último, a **sequencialidade**, em que a oração que contém a condicional tende a vir anteposta, apesar de não ser uma regra absoluta. O parâmetro da sequencialidade também pode ser pensado em relação à ordem dos acontecimentos: primeiro cumpre-se o conteúdo da condicional, depois o da principal.

É através dos parâmetros mencionados que as orações insubordinadas encabeçadas por [se ao menos] foram analisadas em Comarim e Hirata-Vale (2023), considerando que a pesquisa foi guiada pela hipótese de que quando utilizadas de maneira insubordinada, essas construções passam a veicular a expressão de um desejo, tendo, portanto, o esmaecimento do sentido condicional/hipotético. Essa hipótese já havia sido apontada por Hirata-Vale (2015), em que a autora afirma que “ao longo do processo de insubordinação, as construções marcadas com a conjunção ‘se’ vão perdendo gradativamente seu sentido condicional/ hipotético e passam a codificar outros valores, determinados pragmaticamente”. (HIRATA-VALE, 2015, p. 5)

Dessa forma, ao analisar as insubordinadas por meio dos parâmetros de condicionalidade, buscou-se encontrar se há, de fato, um esmaecimento do sentido condicional e se ainda existe alguma relação entre essas construções e o sentido condicional, como se argumentou em trabalhos sobre a mesma construção em outras línguas.

Partindo da hipótese de que os parâmetros não seriam integralmente reproduzidos nas construções insubordinadas com [se ao menos], dada a mudança semântica atestada em todos os trabalhos citados anteriormente, Comarim e Hirata-Vale (2023) investigam, a partir de dados do CdP, da seção Web/Dialetos, como se dá essa relação, quais parâmetros se mantêm, quais se perdem e como isso corrobora para o afastamento do sentido condicional.

Em resumo, Comarim e Hirata-Vale (2023) indicam que apenas dois parâmetros parecem ser mantidos, sendo eles a **não assertividade** e a construção de **espaços mentais hipotéticos**. A não assertividade corresponde ao que se espera do uso da postura epistêmica negativa (FILLMORE, 1990; DANCYGIER E SWEETSER, 2005; FERRARI, 2016) e pela falta de comprometimento do falante com o conteúdo expresso, já que, assim como verificado por Dancygier e Sweetser (2005), o desejo não foi completamente realizado e, portanto, não se trata de uma afirmação assertiva. Quanto à construção de espaços mentais hipotéticos, ainda que a estrutura dos espaços mentais não seja a mesma das construções condicionais mais prototípicas, tem-se a construção de um espaço hipotético em que se considera tudo aquilo que

é expresso como desejo pela construção que, se cumprida, resultará em um cenário hipotético preferível pelo falante, refletindo a já mencionada postura emocional positiva, como argumentado por Dancygier e Sweetser (2005).

Para Comarim e Hirata-Vale (2023), os demais parâmetros são perdidos ou, ao menos, não são expressos da maneira que Dancygier (1998) propõe. Isso significa, por exemplo, que, para o parâmetro da causalidade, ainda que não seja possível estabelecer uma relação em que o cumprimento da prótase implica, necessariamente, no conteúdo da apódose, como proposto por Dancygier (1998), tem-se que a estrutura da construção seleciona algumas possibilidades de situações ocasionadas pelo cumprimento do desejo, enquanto outras são completamente descartadas, como em (11) e as orações que representam possíveis situações ocasionadas pelo desejo em (11a) e (11b).

(11) Aqui em Brasília, os motoristas já se acostumaram a parar na faixa ao ver algum pedestre se aproximando da faixa. **Se ao menos esse costume se espalhasse...** (CORPUS DO PORTUGUÊS/ PB)

(11a) **Se ao menos** esse costume se espalhasse [haveria uma diminuição no número de atropelamentos.] (COMARIM E HIRATA-VALE, 2023)

E não:

(11b) #**Se ao menos** esse costume se espalhasse [haveria um grande aumento no número de atropelamentos.] (COMARIM E HIRATA-VALE, 2023)

Dessa forma, parece possível considerar que, apesar de não haver uma relação de causalidade nitidamente expressa, percebe-se indicações que permitem interpretações daquilo que pode ser tomado como decorrente do cumprimento do desejo, seja através do contexto discursivo prévio, seja através de um conhecimento de mundo compartilhado.

Por fim, para Comarim e Hirata-Vale (2023) os outros parâmetros, de sequencialidade e de predição, são completamente perdidos, já que a sequencialidade não pode ser analisada em aspectos formais, ou seja, quanto à anteposição ou posposição da oração subordinada, tendo em vista que não há duas orações formalmente realizadas.

Se pensado em termos de sequência de ocorrências, o cumprimento da condição acarretaria a realização do conteúdo da oração principal de maneira sequencial, porém, a semântica dos desejos, que estão fora do controle do falante, impede a interpretação de algo que, necessariamente, se seguiria à eventual realização do desejo. O mesmo ocorre para o parâmetro da predição, já que, por serem desejos muitas vezes impossíveis e, portanto, muito

hipotéticos, não parece ser possível afirmar que há uma predição de algo que certamente iria ocorrer, caso o desejo fosse satisfeito.

De maneira geral, é possível notar, na breve discussão aqui proposta, que muitos aspectos formais da construção insubordinada com [se ao menos] foram estudados de modo a investigar o seu impacto na expressão da semântica de desejo, enquanto há o afastamento do sentido condicional. É nesse cenário que o presente trabalho foi proposto, buscando investigar o impacto de outro aspecto formal na semântica da construção, ou seja, a relação de atração e repulsão entre a construção e os verbos que com ela ocorrem, de modo a encontrar outros indícios do sentido de desejo que são característicos da construção e que estariam mapeados na sintaxe dela.

Nas seções que se seguem, discute-se como a Análise Colostrucional se torna relevante no estudo das construções insubordinadas com [se ao menos] e como ela pôde expandir o conhecimento sobre a construção.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Como mencionado na seção anterior, a presente pesquisa propôs a investigação das construções insubordinadas com [se ao menos] por meio da Análise Colostrucional, para verificar quais verbos eram atraídos ou repelidos pela construção e se isso, de alguma forma, impactava na semântica da construção em si.

Para que a pesquisa fosse realizada, foi necessária a estruturação de um *corpus* de ocorrências das construções em perspectiva. A primeira parte do *corpus* foi constituída com as ocorrências obtidas para a investigação em Comarim e Hirata-Vale (2023), coletadas do Corpus do Português (CdP) (DAVIES e FERREIRA, 2016), da seção Web/Dialetos. Já a segunda parte – a que mais expandiu o número de dados –, por meio da coleta de *tweets*, postagens na rede social anteriormente denominada Twitter, atualmente X.

Nesta seção pretende-se discutir como se deu a coleta da primeira parte do *corpus* no CdP, a coleta dos *tweets* e posterior preparação do *corpus*. Apresentam-se os procedimentos metodológicos de coleta e preparação do *corpus*, bem como as ferramentas utilizadas nos processos.

#### 3.1 O CORPUS

Para a realização da pesquisa, de cunho quali-quantitativo, foram coletadas ocorrências encabeçadas por [se ao menos] do CdP (DAVIES & FERREIRA, 2016), somente na variedade do PB. Essas ocorrências foram coletadas da seção *Web/ Dialetos*, que conta com um *corpus* de mais de 1 bilhão de palavras, compilado entre os anos de 2013 e 2014. O *corpus* é constituído por dados de páginas da *web* e blogues de 4 países falantes do português, sendo eles Brasil, Portugal, Angola e Moçambique.

A escolha pelo CdP se deu por conta de sua interface que contribui com análises de cunho funcional, tendo em vista que permite acessar o contexto expandido em que a construção em observação foi utilizada, fornecendo informações que não se restringem apenas ao nível da frase, isto é, da própria oração. Essa possibilidade se relaciona com pesquisas realizadas por meio do viés Funcionalista, as quais entendem que a sintaxe é motivada pela semântica e pela pragmática, de modo que buscam no contexto a motivação para determinada sintaxe.

Ao se realizar a busca no CdP, o *software* permite que os resultados sejam filtrados de diversas maneiras, como por país, gênero e outros filtros. Quando se busca as ocorrências

apenas no português do Brasil, tem-se 536 resultados, que precisaram ser filtrados manualmente, por conta de ocorrências como em (12). Por não irem de acordo com o objeto desta pesquisa, já que o “se” está associado ao verbo reflexivo, não se tratou de uma construção condicional, ocorrências do seguinte tipo foram suprimidas:

(12) Os Sete Pecados Capitais são: 1. Gula 2. Vaidade 3. Luxúria 4. Avareza 5. Preguiça 6. Cobiça 7. Ira Os Mandamentos de a Igreja são: 1. Participar da Missa em os domingos e festas de guarda. 2. **Confessar- se ao menos uma vez a o ano.** 3. Comungar ao menos por a Páscoa da Ressurreição. 4. Santificar as festas de preceito. 5. Jejuar e abster- se de carne conforme manda a Santa Madre Igreja. (CORPUS DO PORTUGUÊS / PB)

Ainda que o CdP disponibilize muitos recursos que permitam buscas extremamente específicas através de *tags* de anotação morfológica, no caso das construções insubordinadas, a seleção precisa ocorrer manualmente, já que não é possível filtrar construções em que há a ausência da oração principal.

Após seleção das ocorrências que correspondiam ao uso esperado da construção *se ao menos*, o *corpus* passou a conter 425 ocorrências, sendo 261 subordinadas e 164 insubordinadas. Ocorrências como em (12) foram descartadas. Aquelas que se mantiveram para a análise foram colocadas em documentos do Microsoft Office Word para posterior análise nas etapas que serão descritas adiante.

Em relação à segunda parte de estruturação do *corpus*, é importante mencionar que o trabalho com um *corpus* constituído por ocorrências da *web* é interessante porque, além de conter uma grande quantidade de dados disponíveis para serem observados, dada a popularidade cada vez maior das redes sociais, as ocorrências dizem respeito às mais diversas experiências cotidianas, como entretenimento, trabalho, relacionamentos, interações, discussões etc. Outra vantagem, segundo Brezina (2018) é que “grandes *corpora* online têm o potencial de ser mais representativos da língua em uso, especialmente porque o ambiente *online* tem compreendido e espelhado uma grande extensão da produção linguística *offline*” (BREZINA, 2018, p.38).

Entretanto, apesar das vantagens que o uso de um *corpus* constituído por interações *online*, mais especificamente *tweets*, pode fornecer para a pesquisa, um grande desafio é sua coleta e preparação, que, em boa parte das vezes, não corresponde ao uso da língua considerada padrão, o que pode atrapalhar o desempenho de *parsers*, por exemplo. Outro desafio é a própria coleta, exclusiva, do objeto de estudo, já que não há como filtrar completamente as ocorrências que não se encaixam com aquilo é de interesse na pesquisa, assim como descrito para o CdP.

Por essas razões, boa parte do desenvolvimento da pesquisa envolveu expandir, preparar, anotar e fazer as respectivas contagens no *corpus* de *tweets*, que foi adicionado ao *corpus* que já fora trabalhado em Comarim e Hirata-Vale (2023), constituído por 164 ocorrências insubordinadas retiradas CdP. Por se tratar de um trabalho repleto de etapas, na próxima subseção discute-se cada uma delas, até que se chegue à análise propriamente dita.

### 3.1.1 Etapas de preparação do corpus

Para a construção do *corpus* a ser analisado, algumas etapas foram necessárias, de modo a garantir que os dados fossem corretamente processados para a análise estatística. É o que se discute nesta subseção.

#### 3.1.1.1 Coleta, separação, anotação e revisão

A estruturação do *corpus* prevê diversas etapas, começando pela coleta dos *tweets*, que foi realizada através do *site* Vicinitas.<sup>7</sup> O *site* tinha como proposta acompanhar e analisar *tweets* históricos e em tempo real de campanhas de mídias sociais e marcas na rede social Twitter. Até onde se sabe, no momento da redação dessa monografia, o *site* passou por limitações em suas funcionalidades, devido às novas políticas de privacidade do Twitter. As informações aqui relatadas se referem ao que era possível executar por meio do *site* até o dia 30 de abril de 2023.

No período de coleta dos *tweets* para a pesquisa, anterior às mudanças da rede social, o *site* fornecia uma ferramenta gratuita que permitia exportar *tweets* que continham certa *hashtag*, palavra-chave, usuário ou seguidores de determinado usuário para uma planilha em formato. *xlsx*, no Microsoft Office Excel. Para realizar tal coleta, bastava fazer o *login* com uma conta do Twitter e pesquisar a palavra-chave de interesse entre aspas, no caso dessa pesquisa: “se ao menos”.

O *site* fazia uma busca e retornava todas as ocorrências de *tweets* que contivessem a palavra-chave de interesse e que tivessem sido produzidos nos dez dias que antecediam a coleta. Com os resultados, o próprio *site* gerava e disponibilizava um arquivo para *download* que continha informações como o texto do *tweet*, o nome de quem o produziu, bem como o usuário da rede social, o horário, a data, a quantidade de favoritos e de repostagens (*retweets*), a língua original, *link* para acessar o *tweet* e outras. De todas essas informações, foram utilizadas apenas

---

<sup>7</sup> O *site* Vicinitas pode ser acessado através do seguinte link < <https://www.vicinitas.io/>>.

o texto do *tweet* e o *link* que leva para o contexto de publicação original, que podem, de fato, corroborar para a análise.

A partir dos textos dos *tweets*, foi realizada uma seleção manual das ocorrências insubordinadas, já que não é possível fazer essa separação automaticamente no momento da coleta. Para realizar essa separação, foi necessário colocar todos os *tweets* em um documento de texto e, então, separá-los entre os usos subordinados e insubordinados, descartando as ocorrências em que houvesse a estrutura, mas que seu uso não correspondesse a nenhum dos empregos, semelhante ao que se descreveu acima para a ocorrência em (12).

Após a separação, gerou-se diversos arquivos no formato *.txt* com indicações correspondentes às respectivas datas das coletas. Essa decisão facilitou o processo de localização do *tweet* em seu contexto de publicação original, já que as coletas com os *links* para acessar cada um dos *tweets* são salvas de acordo com a data. Esse mecanismo também ajudou a compreender o conteúdo do *tweet*, tendo em vista que muitas vezes ele está relacionado a um uso específico de um acontecimento muito comentado em algum período, como Olimpíadas, pronunciamentos públicos, tragédias, *reality shows* e memes.

Os arquivos *.txt* foram submetidos à ferramenta de anotação morfossintática do LX-Suite, presente no *site* Portulan Clarin, uma infraestrutura de investigação para a Ciência e Tecnologia da Linguagem.<sup>8</sup> No *site*, para que a anotação seja realizada, basta que o texto seja carregado no local apropriado e, assim que o carregamento for concluído, realiza-se o *download* de uma pasta no formato *.zip*, que contém, geralmente, duas pastas, uma com a anotação no formato utilizado pelo CINTIL, um *corpus* do Português com um milhão de tokens anotados, e outra no formato CoNLL, o formato comumente utilizado em anotações por meio da Sintaxe de Dependências. Para esta pesquisa, utilizou-se a anotação no formato CINTIL, já que o outro tipo de anotação realiza quebras de linhas em cada palavra, algo que não é bem processado pelo concordanciador AntConc (2020).

Em alguns casos, é possível que outra pasta chamada “error” também seja baixada. Nela estão as ocorrências em que não foi possível realizar a anotação, algo que aconteceu com aquelas que continham *links* ou o caractere “@”. Nesses casos, no momento de separação do *corpus*, realizou-se uma cópia do arquivo com todas as insubordinadas para que se pudesse excluir esses itens que poderiam causar erros de anotação, fazendo com que o *corpus* fosse o mais processável possível. *Emojis* não pareceram causar interferência na anotação.

---

<sup>8</sup> O *site* de anotação do Portulan Clarin pode ser acessado através do seguinte *link* <<https://portulanclarin.net/workbench/lx-suite/>>

Outra manipulação necessária envolveu as ocorrências iniciadas em caixa baixa. Esse tipo de uso, muito comum no Twitter, dada a sua informalidade, costuma ser lido como se o *tweet* iniciado em caixa baixa fosse dependente da ocorrência anterior, algo que poderia ocasionar erros de anotação morfossintática. Por essa razão, quando se realizou a exclusão de *links* e usuários com “@”, deixou-se todas as primeiras letras de cada ocorrência em caixa alta, para que o anotador pudesse entender que eram ocorrências independentes.

Esses processos de revisão foram realizados diversas vezes, buscando sanar todos os problemas do *corpus* no momento da anotação, mas reconhece-se que, dado o tamanho do *corpus*, é difícil garantir que todos os problemas tenham sido solucionados em todas as situações, admitindo-se, portanto, que algumas imprecisões possam ter ocorrido, mas as informações de interesse para a pesquisa parecem ter sido controladas da melhor maneira possível, mesclando mecanismos automáticos e manuais de revisão.

Uma cópia do *corpus* original, sem as remoções realizadas para o processamento, foi mantida, garantindo o acesso no decorrer da pesquisa, já que essas informações poderiam contribuir no momento de uma análise qualitativa dos dados ou pesquisas futuras.

### 3.1.1.2 Contagem e elaboração do documento a ser processado

Com o *corpus* original e com o *corpus* anotado, teve início a contagem dos verbos que coocorrem com a construção. Para outras línguas, especialmente o inglês (HILPERT, 2020), é possível realizar essa contagem de maneira completamente automática, já que há uma coincidência entre o formato de anotação e aquilo que o concordanciador AntConc (ANTHONY, 2020) consegue interpretar através de expressões regulares (RegEx). Para o português, a contagem foi realizada manualmente.

No desenvolvimento da contagem, todos os arquivos do *corpus* analisado foram carregados no AntConc (ANTHONY, 2020) e buscou-se pela construção [se ao menos] e os colocados do lado direito da construção, já que o verbo aparece na sequência. Realizou-se, então, a contagem de cada um dos verbos e os dados foram manualmente registrados no infinitivo em uma planilha do Microsoft Office Excel. Esses dados precisaram ser salvos no formato *.csv* (*comma separated values*), para que a interpretação pelo RStudio fosse satisfatória. Os dados foram inseridos na planilha da seguinte maneira:

**Quadro 2** - Modelo de anotação dos dados para interpretação no RStudio

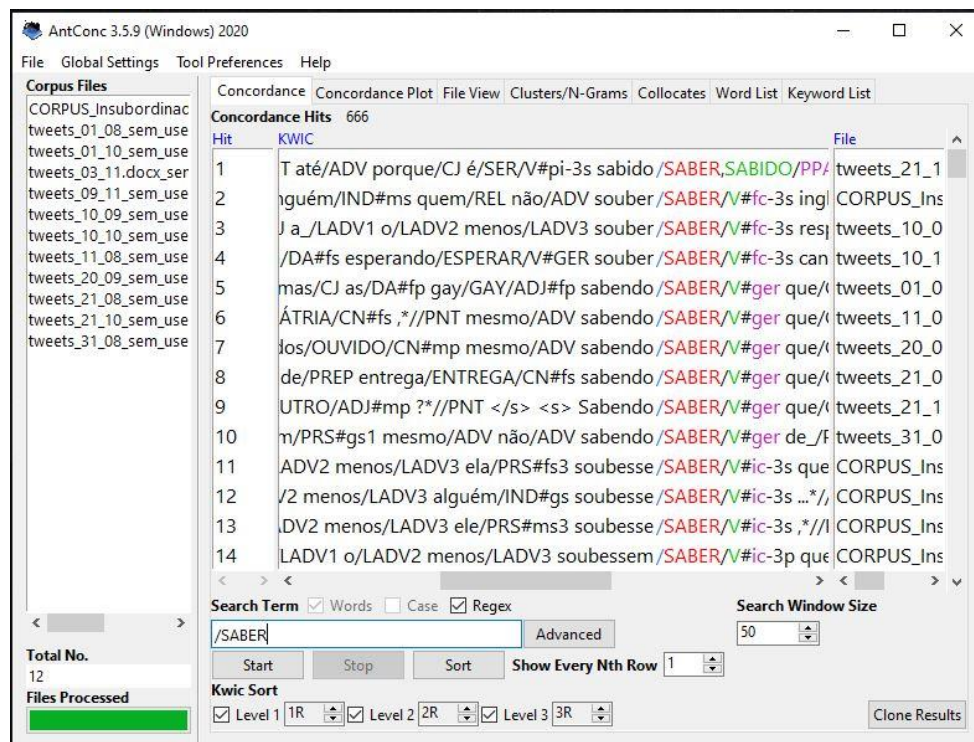
verbo,const
abençoar,1
abrir,9
acabar,2

*Produção própria. 2023.*

O número ao lado do verbo corresponde à quantidade de vezes em que ele coocorreu com a construção. Essa contagem foi realizada manualmente para todos os verbos de todas as aparições da construção.

Após a realização da contagem dos verbos na construção, realizou-se a contagem do verbo no *corpus* como um todo. Para isso, utilizou-se o *corpus* anotado que, após ser carregado no AntConc (ANTHONY, 2020), permite procurar pelo verbo específico por meio da expressão regular /VERBO, por exemplo /SABER. Essa busca retorna todas as ocorrências do verbo “saber” no *corpus*, independentemente de sua conjugação. Os resultados são mostrados da seguinte maneira:

**Figura 1** - Exemplo da busca por todos os verbos "saber" do *corpus* em análise no software AntConc (ANTHONY, L. 2020).



*Produção própria. 2023.*

Essa contagem foi realizada, novamente, para todos os verbos que coocorrem com a construção, e adicionada, no mesmo formato, à planilha que já estava em produção, fazendo

com que os dados contemplassem a quantidade de verbos com a construção e suas aparições totais no *corpus*.

Assim como na etapa anterior, foi necessário que os dados fossem registrados na planilha da seguinte maneira, garantindo, como mencionado, a interpretação pelo RStudio:

**Quadro 3** - Forma de construção da planilha com quantidade dos verbos no *corpus* para posterior análise.

verbo,const,corpus
abençoar,1,1
abrir,9,34
acabar,2,44
acatar,1,1

*Produção própria. 2023.*

Quando se chegou a esta etapa, pôde-se considerar, portanto, que o documento a ser interpretado estava pronto para ser processado pelo RStudio, a única informação faltante para o desenvolvimento da análise colostrucional era a contagem de *tokens* no *corpus*. Para obter essa informação, bastou carregar o *corpus* não anotado no AntConc (ANTHONY, 2020) e, na aba “Word List”, pressionar a opção “Start”, sem adicionar nenhum item a ser pesquisado.

Todo o processo resultou em um *corpus* de 93.057 tokens, contendo 4.023 ocorrências de construções insubordinadas. Além da coleta do CdP que apresentava 164 ocorrências, as coletas no Twitter foram as seguintes:

**Quadro 4** - Contagem das 10 coletas para construção do *corpus*

COLETA Nº	DATA	INSUBORDINADAS
1	01/08/2021	343
2	21/08/2021	484
3	31/08/2021	399
4	10/09/2021	442
5	20/09/2021	430
6	01/10/2021	469
7	10/10/2021	390
8	21/10/2021	351
9	03/11/2021	336
10	09/11/2021	215

*Produção própria. 2023.*

Outras coletas e anotações foram realizadas, mas para que fosse possível realizar todos os processos aqui descritos, o *corpus* precisava ser estabilizado em um ponto, para que todo o processo fosse realizado sem que houvesse modificações no andamento da análise. O tempo de desenvolvimento de toda a preparação foi de, aproximadamente, um mês, por essa razão, os dados aqui apresentados se detêm aos que foram indicados acima.

Após a realização de todas as etapas descritas, deu-se início à análise colostrucional, a qual é o foco do desenvolvimento de todas essas etapas. É o que se discute na próxima seção.

### 3.2 A ANÁLISE COLOSTRUCIONAL

Em posse de todos os dados obtidos e estruturados nas seções anteriores, parte-se para a análise colostrucional através da linguagem de programação R. A linguagem R é voltada para pesquisas de teor estatístico e muito utilizada em estudos de ciência de dados. Para a pesquisa, utilizou-se o RStudio, um *software* de interface mais amigável e largamente utilizado por usuários da linguagem R.

Para a análises no R, é comum que se faça uso de *scripts* e pacotes. Nesta investigação, o *script* mais conhecido é o desenvolvido por Gries & Stefanowitsch (2014) e o pacote programado por Flach (2017)<sup>9</sup>. Ambos os recursos realizam os três tipos de análise mencionados adiante, permitindo que os dados sejam condizentes com o que se busca dentro das possibilidades da análise colostrucional e os *inputs* fornecidos pelo *corpus*.

A análise colostrucional é descrita por Hilpert (2014) como um conjunto de métodos dentro das propostas da Linguística de Corpus que permite investigar se a coocorrência de itens lexicais com determinadas construções ocorre mais ou menos vezes do que se esperaria ao acaso. Com base nessa informação, é possível apontar se a construção atrai ou repele um item lexical, o que torna possível a realização de análises qualitativas pautadas por esses dados estatísticos. Dessa forma, a principal finalidade de uma análise colostrucional é mostrar quais itens lexicais são “típicos” em uma dada construção e, para isso, tal análise é constituída por um conjunto de três métodos que estão relacionados, sendo eles:

- i. *Collexeme analysis* (STEFANOWITSCH E GRIES, 2003): usado para investigar quais itens lexicais são típicos em dado *slot* de uma determinada construção;

---

<sup>9</sup> O pacote *Collostructions* desenvolvido por Flach (2017), que permite a realização dos três tipos de análise contidos na família de análises colostrucionais, pode ser encontrado e baixado diretamente do site da autora: <<https://sfla.ch/collostructions/>>.

- ii. *Distinctive collexeme analysis* (GRIES E STEFANOWITSCH, 2004a): relevante para construções que aparentam ser sinônimas, este método compara os itens lexicais que cada uma delas seleciona;
- iii. *Covarying-collexeme analysis* (GRIES E STEFANOWITSCH, 2004b; STEFANOWITSCH E GRIES, 2005): revela dependências entre itens que ocupam *slots* diferentes em uma mesma construção. Este método permite encontrar ligações entre itens lexicais diferentes, mas que coocorrem dentro da construção.

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso, o primeiro método (*Collexeme analysis*) foi o mais pertinente, tendo em vista que se busca encontrar quais verbos são típicos quando associados à construção [se ao menos] subordinada.

Esse tipo de análise foi realizado, no Brasil, por Alonso, Oliveira & Fumaux (2019), que se valem da análise colexêmica distintiva para investigar o uso de construções binominais quantitativas. Por meio da análise, que se volta especialmente para as construções como ‘UM MONTE de SN’ e ‘UMA ENXURRADA DE SN’, por exemplo, os autores discutem que o uso de ‘UM MONTE de SN’ parece estar mais associado a lexemas de natureza genérica, incluindo entidades animadas e inanimadas, enquanto ‘UMA ENXURRADA DE SN’ parece atrair lexemas inanimados de natureza mais específica. Os autores também reafirmam a relevância de análises do tipo, que ensinam, para além do uso das construções, sobre a representação mental que os falantes fazem delas.

Partindo para os passos pertinentes à análise colexêmica, o primeiro deles é montar uma tabela de contingência com os dados numéricos relacionados à análise. Por exemplo, em A, tem-se todas as ocorrências em que a construção [se ao menos] coocorre com o verbo “poder”. Em B, os dados correspondem a todas as ocorrências de “poder” presentes no *corpus*, enquanto em C, os números refletem todas as vezes que a construção [se ao menos] aparece no *corpus*, associada ou não ao verbo “poder”. Para finalizar, em D, tem-se o número total de verbos no *corpus* em análise.

**Quadro 5** - Exemplo de tabela de contingência

	PODER	NÃO-PODER	TOTAIS
SE AO MENOS	A		C
OUTRAS CONSTRUÇÕES NÃO-SE AO MENOS			
TOTAIS	B		D

*Adaptado de Hilpert (2020)*

Os dados que preenchem a tabela podem ser obtidos por meio de buscas específicas no *software* AntConc (ANTHONY, 2020), os quais são, em seguida, filtrados por meio de mecanismos próprios do *software* Microsoft Office Excel ou manualmente, quando necessário.

Com essas informações, é possível calcular a frequência esperada de ocorrências em que o verbo “poder”, por exemplo, aparece associado à construção [se ao menos] a partir da seguinte expressão matemática:

$$\text{Frequência esperada} = \frac{B * C}{D}$$

Após calcular a frequência esperada para cada um dos verbos do *corpus*, os dados podem ser registrados em uma planilha do Excel e, então, pode-se comparar se a frequência observada é maior ou menor que a frequência esperada. Se a frequência observada for maior que a frequência esperada, então é possível afirmar que o verbo é atraído pela construção. Caso a frequência observada seja menor que a frequência esperada, então o verbo é repellido pela construção.

Por fim, deve-se realizar uma análise estatística que dirá qual a força de atração ou repulsão entre o verbo e a construção, ou se a coocorrência é estatisticamente significativa. Dentre as medidas possíveis, utilizou-se a medida *Log likelihood*<sup>10</sup> nesta pesquisa. A escolha se justifica porque é a medida estatística mais comumente utilizada pelas análises do tipo e é a escolha *default* do pacote *collostructions* (FLACH, 2017).

A fórmula que realiza o cálculo pode ser facilmente adicionada ao *software* Microsoft Office Excel para que o processamento dos dados seja automático e as medidas sejam computadas. Outra possibilidade, considerada por Hilpert (2014) como a mais conveniente, é a utilização do *software* R aliado a um *script* ou pacote previamente desenvolvido e que pode ser alterado e moldado de acordo com as necessidades do/a pesquisador/a e da pesquisa. Nesta pesquisa, os dados foram obtidos automaticamente com análises realizadas pelo pacote *collostructions* (FLACH, 2017).

Este recurso, bem como o *script* desenvolvido por Gries & Stefanowitsch (2014) são os modos mais conhecidos para a realização da análise. Ambos os recursos realizam os três tipos de análise.

Para esta análise, os verbos precisam ser colocados em uma planilha do Microsoft Office Excel, aliado ao número de vezes que cada um ocorreu junto à construção e ao número total de

<sup>10</sup> Segundo Hilpert (2014), em análises colostrucionais é comum que se utilize a análise estatística chamada Fisher’s Exact Test, porém optou-se por utilizar a medida *Log likelihood* que, além de considerar a frequência das ocorrências, é a medida comumente utilizada em *scripts* do programa R quando se realiza a análise colexêmica.

ocorrências do verbo no *corpus*, como descrito nas seções anteriores, sobre preparação do *corpus*.

Em posse dos dados, a tabela deve ser aberta no *software* RStudio no formato *dataframe* para que o pacote *Collostructions* (FLACH, 2017) possa interpretar os dados contidos nela. Outros pacotes também precisam ser usados neste processo de análise, como os pacotes *tidyverse*<sup>11</sup> e *readr*. Para a execução da análise colexêmica, as seguintes linhas de comando precisam ser executadas no RStudio:

**Figura 2** - Linhas de comando necessárias para a execução da análise colexêmica com o pacote *Collostructions* (FLACH, 2017)

```

1 library(tidyverse)
2 library(readr)
3 library(collostructions)
4 nome.objeto <- read_csv("endereço.arquivo.csv",
5                       col_types = cols(verbo = col_factor(),
6                                       const = col_integer(),
7                                       corpus = col_integer())
8
9
10 view(nome.objeto)
11 str(nome.objeto)
12
13 collex(nome.objeto, corpusize)
14
15 resultado <- collex(nome.objeto, numero.tokens)
16
17 write.csv(resultado,
18           file = "endereço.para.salvar/nome.arquivo.csv",
19           row.names = F)
20

```

*Produção própria. 2023.*

Nas três primeiras linhas, os pacotes utilizados são carregados na sessão do RStudio. Nas próximas quatro linhas, a tabela, que foi originalmente elaborada no Microsoft Office Excel, é carregada no RStudio como um *dataframe*, o que é, então, verificado nas duas linhas que se seguem, para garantir que nenhum dado tenha sido corrompido no processo.

A linha 13 realiza, de fato, a análise colexêmica. Como resultado da análise, o RStudio deve apresentar os resultados da seguinte maneira na janela console:

**Figura 3** - Modelo de resultado da análise colexêmica com o pacote *Collostructions* (FLACH, 2017)

	COLLEX	CORP.	FREQ	OBS	EXP	ASSOC	COLL.	STR.	LOGL	SIGNIF
1	pudessemos	11	11	8.7	attr		5.33374		*	
2	soubesse	10	10	7.9	attr		4.83418		*	
3	tivéssemos	6	6	4.7	attr		2.86601		ns	
4	pudessem	5	5	4.0	attr		2.38130		ns	
5	falássemos	2	2	1.6	attr		0.94420		ns	
6	percebessem	2	2	1.6	attr		0.94420		ns	
7	mandasse	2	2	1.6	attr		0.94420		ns	
8	compreendesse	1	1	0.8	attr		0.47073		ns	
9	escapassemos	1	1	0.8	attr		0.47073		ns	

*Produção própria. 2023.*

<sup>11</sup> Os pacotes *tidyverse* e *readr* mencionados podem ser encontrados para *download* no repositório do CRAN (*The Comprehensive R Archive Network*).

É importante ressaltar que a Figura 3 é apenas um exemplo de como os resultados aparecem após a execução das linhas de comando, portanto, os dados ali presentes não são os resultados da pesquisa, mas sim uma análise preliminar que permite mostrar de modo sucinto cada componente da tabela elaborada pelo RStudio por meio do pacote.

Na linha 15, os dados são armazenados em um objeto dentro do RStudio. Esse mecanismo permite que a/o pesquisadora/o resgate os dados com facilidade, necessitando apenas escrever o nome do objeto para que o RStudio processe todo o conjunto de dados contido sob aquele nome. Isso é importante para a execução das últimas linhas de comando (linhas 17, 18 e 19), por meio das quais os resultados da análise são exportados em uma tabela do Microsoft Office Excel para serem observados fora do RStudio.

Pode-se observar, na figura 3 acima, que os resultados contêm o verbo, a frequência absoluta no *corpus*, a frequência observada, a frequência esperada, qual o tipo de associação (atração ou repulsão), a força de atração medida em *Log likelihood* e a significância dos resultados.

Com todas essas informações é possível afirmar que a análise quantitativa está finalizada e se pode dar início à análise qualitativa, em que se propõe a interpretar os dados obtidos através da análise colexêmica (ou colostrucional). Nessa pesquisa, buscou-se encontrar os verbos que são atraídos pela construção e a hipótese era de que ao menos parte deles fosse constituída por verbos modais, tendo em vista que expressam a atitude do falante diante do que é comunicado.

Nesta seção, buscamos elencar, brevemente, as etapas executadas ao longo da pesquisa, as quais serviram para construir o *corpus* de estudo sobre as insubordinadas com [se ao menos] e realizar a análise colostrucional proposta. A partir da próxima seção, vai-se discutir os resultados obtidos e como eles contribuem para a descrição da construção em estudo.

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão discutidos os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa. Antes de iniciar a discussão em si, faz-se necessário que se realize alguns esclarecimentos em relação a decisões metodológicas tomadas no decorrer da pesquisa e como elas impactaram nos resultados obtidos.

Em um primeiro momento de desenvolvimento da pesquisa, considerou-se pertinente a realização de uma análise colostrucional preliminar para observar os resultados e realizar as modificações necessárias para a realização da análise definitiva.

Nessa análise preliminar, partiu-se da análise do verbo mais próximo à construção, de acordo com o que havia sido proposto no início da pesquisa. Entretanto, foram encontradas diversas ocorrências como em (13):

(13) se ao menos eu *tivesse nascido* herdeira.... (TWITTER)

No caso da ocorrência em (13), é possível perceber que os verbos TER e NASCER aparecem em perífrase verbal. Diante dessa informação, seria necessário que se optasse por um dos verbos para as contagens descritas nas seções anteriores e, assim, se desenvolvesse a análise colostrucional.

Considerando a proposta desta pesquisa, optou-se por realizar a análise apenas em relação ao verbo “TER” e não o verbo “NASCER”. O mesmo ocorreu para todas as ocorrências em perífrase verbal encontradas no *corpus*. Essa decisão metodológica se pautou naquilo que foi proposto no início do desenvolvimento da pesquisa, uma vez que cada caso de perífrase precisaria ser analisado individualmente, algo que escaparia do escopo dessa monografia de conclusão de curso. Ressalta-se, entretanto, a importância da análise das perífrases e de como elas podem atuar no sentido da construção, constituindo uma brecha de desenvolvimento para pesquisas futuras.

Por ora, pode-se afirmar que, nos casos de perífrase verbal, o primeiro verbo parece atuar mais especificamente como um indicador da postura epistêmica negativa (FILLMORE, 1990; FERRARI, 2016) do falante e sendo, muitas vezes, o gatilho para o sentido de desejos para além da capacidade do falante, como discute-se adiante.

Quando se pensa na mensagem que o falante deseja veicular, ele parece não ser o verbo mais significativo, mas, quando se pensa no sentido da construção como um todo, ele parece ser crucial para a semântica de desejos fora do controle do falante. Essas conclusões serão discutidas em maiores detalhes na sequência.

#### 4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE COLOSTRUCIONAL E SUAS INDICAÇÕES

Como decorrente da realização da análise colostrucional, de acordo com as etapas descritas em seções anteriores, obtém-se a seguinte tabela, que contém os 20 verbos mais atraídos pela construção:

**Tabela 1** - 20 verbos mais atraídos pela construção condicional insubordinada [se ao menos]

COLLEX	CORP.FREQ	OBS	EXP	ASSOC	COLL.STR.LOGL	SIGNIF
ser	2800	868	118,9	attr	2347,737	*****
ter	1768	658	75,1	attr	2015,393	*****
saber	615	320	26,1	attr	1219,186	*****
haver	226	142	9,6	attr	610,8173	*****
dar	291	109	12,4	attr	321,998	*****
conseguir	142	78	6	attr	304,2265	*****
avisar	65	54	2,8	attr	283,6892	*****
existir	91	62	3,9	attr	281,1905	*****
poder	467	116	19,8	attr	242,2076	*****
estar	401	86	17	attr	155,0304	*****
ganhar	53	31	2,3	attr	126,0328	*****
fazer	522	86	22,2	attr	115,0894	*****
colocar	45	23	1,9	attr	84,9686	*****
odiar	50	24	2,1	attr	84,76864	*****
funcionar	35	20	1,5	attr	79,93889	*****
falar	229	46	9,7	attr	77,10291	*****
vir	95	28	4	attr	67,6538	*****
usar	86	24	3,7	attr	55,27515	*****
entender	82	23	3,5	attr	53,20514	*****
valer	45	17	1,9	attr	50,22125	*****

Produção própria. 2023.

Da esquerda para a direita, na primeira coluna tem-se o verbo; na segunda coluna, a quantidade de vezes que o verbo aparece no *corpus*, associado ou não à construção; na terceira coluna, tem-se quantas vezes o verbo coocorre com a construção; na quarta, tem-se a quantidade de vezes que se esperaria que o verbo aparecesse no *corpus*. Como decorrente dessas informações, na quinta coluna tem-se a relação (atração ou repulsão). Na sexta, tem-se a medida da força de atração, calculada em *Log Likelihood* e, por fim, na última coluna, a significância dos resultados.

A tabela acima foi obtida, como mencionado na seção que tratou da elaboração do *corpus*, através da análise de 93.057 tokens, em um *corpus* contendo 4.023 ocorrências de

construções insubordinadas. A tabela completa se encontra no Apêndice A, nomeada por Tabela 4.

Ressalta-se que, ao somar todos os verbos encontrados com a construção na Tabela 4, obtêm-se 3.953 verbos analisados. As razões que levam a isso são várias, mas as principais possibilidades são: i. usos em que o falante repete a construção sem o uso do verbo, ii. erros de anotação do *corpus* ou no processamento pelo RStudio, entre outras. Anteriormente, mencionou-se que os dados foram revistos manualmente diversas vezes a fim de minimizar os possíveis erros, mas, por se tratar de um procedimento altamente dependente de mecanismos automáticos, reconhece-se a possibilidade de que, ainda assim, eles ocorram. Evidencia-se, porém, a divergência de apenas 70 verbos, algo que corresponde a, aproximadamente, 1,74% do corpus.

Em posse dos resultados obtidos, muitos podem ser os direcionamentos da pesquisa em andamento. É possível propor agrupamentos de verbos em *clusters* semânticos, é possível se voltar a apenas alguns deles e estudá-los mais a fundo, ou, ainda, partir da tabela de resultados para propor novas perguntas. No caso dessa monografia de conclusão de curso, propôs-se trabalhar com apenas alguns verbos, os quais, além de muito recorrentes, expressam alguns traços comuns.

#### 4.1.1 Verbos de capacidade

Do latim, *verbum* significa “palavra”, ou seja, é a “palavra por excelência” como posto por Ilari e Basso (2014). O verbo tem a capacidade de fornecer os moldes para a construção de sentenças e é o responsável por estabelecer a perspectiva de conceitualização do estado de coisas presente nelas.

É com base nessa posição de importância dos verbos, que se optou por estudar a sua relação com a construção insubordinada do tipo [se ao menos]. Nos estudos mencionados anteriormente, várias partes dessa construção foram analisadas: sua proximidade com as construções subordinadas prototípicas, o impacto do uso do advérbio, o tempo e o modo verbais, a ausência da oração principal e muitas outras características. Entretanto, pelo que se sabe até o momento, não houve nenhum estudo que olhasse para a semântica do verbo que coocorre com a construção. Pensando nisso, surgiu a proposta da pesquisa aqui discutida.

É comum que em estudos pautados pela análise colostrucional, proponha-se a elaboração de *clusters* semânticos que permitam encontrar agrupamentos lexicais com características compartilhadas. No caso dessa monografia, entretanto, pretende-se apenas

discutir um único *cluster* semântico, talvez o mais característico da construção, e do qual três representantes apareceram entre os vinte verbos mais atraídos: o *cluster* de *capacidade*.

A escolha por trabalhar com esse *cluster* se deu pelas seguintes razões:

- Entre os possíveis agrupamentos lexicais, este era o que mais teve representantes que apareciam entre os verbos mais atraídos;
- As conclusões poderiam ser significativas, considerando a proposta de D’Hertefelt (2015) de que esse tipo de construção expressa desejos que fogem do controle e da capacidade de realização do falante e do ouvinte;
- Para além da recorrência, esses verbos compartilhavam um padrão morfossintático que vai além de: SE AO MENOS + VERBO (imperfeito do subjuntivo), se apresentando como SE AO MENOS + VERBO\_CAPACIDADE (imperfeito do subjuntivo) + VERBO (infinitivo).

Como constituintes desse *cluster*, tem-se os verbos: *saber*, *conseguir* e *poder*. De acordo com a FrameNetBR, proposta por Salomão (2020), tem-se que todos os verbos são pertencentes ao frame *Capacidade\_ação* e correspondem às respectivas definições:

<b>saber.v</b> <i>Capacidade_ação</i>
ter força, meio, capacidade, possibilidade de, ou habilidade para; conseguir.
<b>conseguir.v</b> <i>Capacidade_ação</i>
ato de alcançar um objetivo
<b>poder.v</b> <i>Capacidade_ação</i>
ter a capacidade de realizar uma ação.

A semântica descrita acima, aliada ao uso do imperfeito do subjuntivo utilizado amplamente nas construções insubordinadas com [se ao menos], garante o sentido de desejos que fogem do controle do falante. O uso do imperfeito do subjuntivo se relaciona com a expressão da postura epistêmica negativa do falante (DANCYGIER E SWEETSER, 2005), então, pode-se afirmar que, em todas as ocorrências insubordinadas com [se ao menos], a postura epistêmica do falante em relação ao conteúdo expresso na prótase é negativa ou, em outras palavras, reflete uma dissociação.

Casos que usam os verbos mencionados acima são:

- **SE AO MENOS + SABER (imperfeito do subjuntivo) + VERBO (infinitivo)**

(14) **Se ao menos *soubesse dançar*....** Mas é ridícula! (TWITTER)

(15) Cansado de beber cerveja no frio. **Se ao menos eu *soubesse beber um vinho*...** (TWITTER)

(16) **Se ao menos *soubesse fazer contas*** (TWITTER)

- **SE AO MENOS + CONSEGUIR (imperfeito do subjuntivo) + VERBO (infinitivo)**

(17) O vendedor sempre ouviu falar que vender é diagnosticar necessidades, levantar problemas e apresentar soluções. Mas, quando se trata de Deus, como vender para Ele? Quais são as necessidades de Deus? Que problemas Deus tem para eu oferecer algum benefício? **Ah! Se ao menos eu *conseguisse marcar uma entrevista com o Eterno e conhecer os Seus problemas!*** (CORPUS DO PORTUGUÊS)

(18) puxa vida! **se ao menos eu *conseguisse encontrar palavras e definições de amor o suficiente para que eu pudesse descrever o que esse carinho me faz sentir..*** é pura magia!! com um simples sorriso dele eu pego a certeza de que meu dia sera esplêndido! 😊 (TWITTER)

(19) **Se ao menos *conseguissem entender o meu lado ..*** (TWITTER)

- **SE AO MENOS + PODER (imperfeito do subjuntivo) + VERBO (infinitivo)**

(20) Desânimo total, **se ao menos eu *pudesse jogar genshin pra testar as coisas novas*** (TWITTER)

(21) Eu não posso mais nem beber umas cervejinhas de fds que acordo me sentindo um zumbi. Esse negócio de ficar velho é mto triste,**se ao menos eu *pudesse me aposentar*** (TWITTER)

(22) Puxa, que trabalhadeira. **Se ao menos *pudéssemos fazer o mesmo na estrada...*** (TWITTER)

Os verbos *saber*, *poder* e *conseguir*, além de serem muito recorrentes e, em questões funcionais, serem empregados para expressar a incapacidade do falante e/ou do ouvinte diante da realização de algo desejado, parecem reforçar a categorização de D’Hertefelt (2015) de desejos deônticos não controlados.

Quando se pensa nesses usos aliando às descrições da FrameNetBR (SALOMÃO, 2020) com a conjugação no imperfeito do subjuntivo, parece possível evidenciar que existe algo que impede a realização do desejo, como a incapacidade de realizar algo (conseguir e poder), a falta de domínio sobre algo (saber) ou a ausência de alguma característica, no caso, *ser algo*.

Segundo a Semântica de Frames (FILLMORE, 1977, 1982), verbos como *saber*, *poder* e *conseguir* são pertencentes aos *frames* de conhecimento e capacidade. Esses dados, assim como mencionado anteriormente, parecem ir ao encontro da concepção de que a construção expressa desejos não controlados, já que o falante, além de desejar, parece lamentar a incapacidade de realização daquilo que vê como um cenário preferível (ou desejado).

A ideia de que o falante parece lamentar a incapacidade de realização do cenário visto como preferível permite retomar, novamente, algo que foi mencionado na introdução da monografia. No livro “Se ao menos... Liberte-se do arrependimento e viva melhor a partir dos conhecimentos da ciência cognitiva”, do psicólogo Robert L. Leahy, o autor caminha justamente na direção dessa semântica de lamentação e arrependimento que se argumenta estar presente na construção. Por essa razão, é possível afirmar que, para além dos estudos linguísticos, essa semântica é também percebida pelos falantes como um todo.

Com base nesse pensamento, e considerando que os três verbos discutidos aqui expressam uma semântica bem semelhante, é possível que se pergunte sobre as razões que levam o falante a utilizar um ao invés de outro. As respostas sobre isso ainda não são conhecidas, já que se inserem em novas possibilidades de pesquisa, mas, ao se analisar quais verbos são mais recorrentes com cada um dos três verbos estudados acima, é possível perceber certos padrões:

**Tabela 2** - Lista de verbos que mais coocorrem com os verbos de capacidade analisados

SABER + V inf	CONSEGUIR + V inf	PODER + V inf
ler	dormir	fazer
escrever	enxergar	ter
fazer	falar	saber
falar	deixar	ver
aproveitar	manter	mostrar
cantar	explicar	ser

investir	entender	voltar
dançar	chorar	dar
interpretar	marcar	acordar
pedir	trabalhar	ir
nadar	esquecer	falar
ter	ler	encontrar
mandar	pensar	jogar
dar	odiar	entender
beber	convencer	mudar
desenhar	sair	usar
temporizar	interessar	dormir
gravar	driblar	trocar
honrar	dirigir	guardar
tonalizar	assinar	dizer

*Produção própria. 2023.*

De acordo com a tabela acima, ainda que todos os três verbos *saber*, *poder* e *conseguir* veiculem uma semântica semelhante de habilidade/capacidade, cada um deles parece selecionar verbos de domínios diferentes. O verbo *saber*, por exemplo, ocorre mais recorrentemente com verbos que expressam capacidades que podem ser aprendidas, enquanto o verbo *conseguir* se relaciona com verbos que expressam situações muitas vezes biológicas ou psicológicas que não podem ser controladas. Finalmente, o verbo *poder* não parece se relacionar com uma categoria tão explicitamente marcada.

De modo a evidenciar essa distinção, a tabela está replicada abaixo. Os verbos que se referem a habilidades que podem ser aprendidas estão destacados em amarelo, e os verbos de situações biológicas estão destacados em azul.

**Tabela 3** - Indicação de domínios semânticos para os verbos que coocorrem com os verbos de capacidade analisados

SABER + V inf	CONSEGUIR + V inf	PODER + V inf
ler	dormir	fazer
escrever	enxergar	ter
fazer	falar	saber
falar	deixar	ver
aproveitar	manter	mostrar
cantar	explicar	ser
investir	entender	voltar
dançar	chorar	dar
interpretar	marcar	acordar
pedir	trabalhar	ir

nadar	esquecer	falar
ter	ler	encontrar
mandar	pensar	jogar
dar	odiar	entender
beber	convencer	mudar
desenhar	sair	usar
temporizar	interessar	dormir
gravar	driblar	trocar
honrar	dirigir	guardar
tonalizar	assinar	dizer

Produção própria. 2023.

Esses dados corroboram para uma descrição mais específica das construções insubordinadas com [se ao menos], ampliando aquilo que foi dito em Comarim e Hirata-Vale (2023), em que se apontou como padrão morfossintático apenas o uso da construção com verbos no imperfeito do subjuntivo. Além disso, através das análises estatísticas tem sido possível encontrar padrões de significado que nos ajudam a compreender como emerge o sentido de desejo, ao mesmo tempo que a construção ainda guarda traços em comum com as subordinadas prototípicas.

De modo geral, os usos discutidos aqui parecem evidenciar a existência de algo que impede a realização do desejo, como a incapacidade de realizar algo (conseguir e poder), a falta de domínio sobre algo (saber) ou a ausência de alguma característica/habilidade que permita a realização do desejo. Em resumo, a semântica dos verbos parece ser muito significativa para a semântica da construção como um todo, como se hipotetizou inicialmente.

Os outros verbos, com exceção daqueles que fogem do escopo da pesquisa, são ocorrências mais isoladas e não tão características, já que aparecem poucas vezes. No entanto, como se acredita, funcionam bem na construção, pois seguem a estrutura dos verbos mais prototípicos no imperfeito do subjuntivo, ou seja, aqueles que expressam a (in)capacidade do falante e que foram discutidos aqui. Além disso, os verbos mencionados expressam a modalização dinâmica de habilidade, como posto por Palmer (2007).

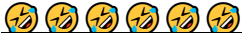
Finalmente, todas as características semânticas e morfológicas dos verbos pertencentes ao *cluster capacidade*, mais recorrente com a construção, se relacionam com o que se entende pelo uso das insubordinadas com [se ao menos], já que essa associação expressa a incapacidade do falante, algo que aparece com frequência na literatura, conforme discutido.

Há, além disso, outra possibilidade de uso da construção, a qual será abordada na próxima subseção, em que breves considerações sobre outro emprego da construção insubordinada com [se ao menos] serão discutidas.

#### 4.1.2 Outro uso da CCI com [se ao menos]

Outro aspecto que se fez marcante na análise e que não havia sido encontrado no *corpus* observado em Comarim e Hirata-Vale (2023) é o uso da construção para expressar a ironia ou desejos irônicos. São casos de desejos que, diferentemente do que vem se afirmando na literatura e do que se discutiu até aqui, já são reais, como as ocorrências em (23), (24) e (25).

(23) Nossa, **se ao menos você tivesse** um primo que trabalha vendendo produtos e equipamentos de limpeza não é mesmo? *Cof* (TWITTER).

(24) **Se ao menos desse pra acessar a barra de tarefas... Ops!**  
 (TWITTER).

(25) **Se ao menos houvesse algo simples, disponível e gratuito que se pudesse tomar uma ou talvez duas vezes para evitar apanhar esta doença que pode ou não existir.** Mas enfim, uma pessoa pode sonhar... Link" (TWITTER)

Como mencionado, no caso dos desejos irônicos, o falante veicula um desejo que já é realidade, diferentemente do que se discutiu até aqui. A ironia é evidenciada graças a marcadores linguísticos, como onomatopeias e recursos próprios da rede social Twitter, como emojis. Em alguns casos, apesar da ausência de marcadores, pode-se perceber a ironia por meio de um conhecimento de mundo compartilhado. Na língua falada, hipotetiza-se que essa distinção seja marcada prosodicamente.

Em (23), por exemplo, o uso de uma onomatopeia para tosse (*cof*) garante a ironia da construção, enquanto em (24) tanto o uso da interjeição “ops!” como o uso de diversos emojis simbolizando risada possibilitam a interpretação da ironia. Por fim, em (25) não há nenhuma marca linguística que expresse essa ironia, mas o conhecimento de mundo, no momento em que o *tweet* foi produzido, garante que sua interpretação seja irônica.

Finalmente, reconhece-se que, apesar de as análises terem expandido os conhecimentos relativos à descrição da construção insubordinada com [se ao menos] no PB, ainda há mais informações a serem exploradas, e que os dados obtidos neste trabalho abriram novas portas para a continuidade das investigações sobre esses usos particulares, que fogem das elegantes prescrições gramaticais.

As construções insubordinadas com [se ao menos] são uma possibilidade interessante de pesquisa, já que, assim como proposto por Goldberg (1995), tem sido possível mapear a sua semântica particular em sua própria forma, ou seja, pareamentos de forma e função. Em se tratando do objeto analisado, cada novo detalhe observado apresentava novas possibilidades de pesquisa, as quais vêm sendo realizadas e vêm expandindo pesquisas atuais sobre a construção no PB e em outras línguas.

Este trabalho ampliou dados que já existem e, mais ainda, mostrou novas possibilidades de pesquisa para serem investigadas futuramente, indicando que o que se pode observar sobre as construções insubordinadas, mais especificamente aquelas iniciadas por [se ao menos], não se esgota nas pesquisas relatadas aqui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi desenvolvida com vistas a investigar o comportamento da construção insubordinada com [se ao menos], indo além das conclusões de Comarim e Hirata-Vale (2023). Propôs-se uma análise colostrucional de tais construções, com objetivo de observar a relação que a coocorrência de certos verbos com a construção exerce em seu sentido, tendo em vista que, quando se realiza uma análise colostrucional, “a ideia é de que o significado construcional é refletido em associações entre padrões sintáticos e elementos lexicais” (HILPERT, 2021, p.12).<sup>12</sup>

Este trabalho teve início com uma retomada das motivações iniciais da pesquisa e quais eram as expectativas de informações a serem obtidas ao longo de seu desenvolvimento. Na seção 2, apresentou-se a fundamentação teórica central para a execução do trabalho. Mencionou-se trabalhos que investigaram o fenômeno da insubordinação, as construções insubordinadas do tipo [se ao menos] em português e outras línguas, dando destaque para o trabalho de Comarim e Hirata-Vale (2023), que motivou a pesquisa descrita nessa monografia.

Na seção 3, abordou-se os processos da análise colostrucional, juntamente com as etapas referentes à estruturação do *corpus*, de coleta, separação, limpeza e contagem, e a realização da análise em si. Ao longo da seção, cada etapa, detalhe e decisão metodológica adotada foram mencionados e esclarecidos.

Finalmente, na seção 4, discutiu-se os resultados obtidos ao longo da pesquisa. Tratou-se, em um primeiro momento, dos verbos mais atraídos, discutindo-se, em seguida, as perífrases verbais e como se optou por trabalhar apenas com o primeiro verbo após a construção.

Outra decisão mencionada foi a de se trabalhar com o *cluster* de *capacidade*, o qual continha os verbos *poder*, *saber* e *conseguir*. Essa opção partiu da classificação existente na FrameNetBR (SALOMÃO, 2020) e na conclusão de Palmer (2007) quanto à expressão de modalidade.

Além disso, apontou-se, por meio da observação do segundo verbo colocado após os verbos de capacidade, que existem padrões de atração entre certas características semânticas. Essas informações expandiram as conclusões relativas aos padrões morfossintáticos da construção com [se ao menos].

Em resumo, os resultados puderam apontar quais verbos são, aparentemente, mais atraídos pela construção e percebeu-se que eles se relacionam às conclusões anteriores sobre o

---

<sup>12</sup> “The idea is that constructional meaning is reflected in associations between syntactic patterns and lexical elements.” (HILPERT, 2021, p. 12)

uso, já que parecem expressar a incapacidade do falante em realizar os desejos expressos, indo ao encontro da classificação de “desejos deônticos não controlados” de D’Hertefelt (2015) que, segundo Comarim e Hirata-Vale (2023), também parece ser válida para a construção em português.

Expandindo os dados encontrados em Comarim e Hirata-Vale (2023), no *corpus* analisado nesta pesquisa, percebeu-se o uso da construção para expressar ironia, algo que não havia sido documentado anteriormente. O emprego da construção para expressar desejos irônicos é garantido pelo uso de emojis, onomatopeias, interjeições e conhecimento de mundo compartilhado. Assim como mencionado anteriormente, mais análises serão necessárias para expandir as conclusões aqui discutidas.

Por fim, a presente pesquisa permitiu encontrar novas informações sobre a CCI com [se ao menos], instigando a expansão dos estudos desenvolvidos sobre tal uso. Por ora, espera-se que esse trabalho cumpra a proposta de ampliar o arcabouço teórico sobre construções como as que foram aqui estudadas, visando a analisar e descrever construções muito recorrentes, porém ainda escassamente descritas pela teoria.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, K. S. B.; OLIVEIRA, D. L.; FUMAUX, N. Construções binominais quantitativas em perspectiva distintiva: uma análise colostrucional. *Revista Odisséia*, v. 4, p. 173-193, 2019.

ALVES, C. P. *Construções condicionais insubordinadas adversativas: uma análise descritiva do português do Brasil*. Relatório Científico Final. Bolsa de Iniciação Científica Regular. FAPESP: Processo 2017/15225-9, 2020.

ANTHONY, L. (2020). *AntConc (Version 3.5.9) [Computer Software]*. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software>.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. Insubordination: Central issues and open questions In: BEIJERING, K., KALTENBÖCK, G., SANSIÑENA, M. S. (Orgs.) *Insubordination: Theoretical and Empirical Issues*. p. 1-28. Berlin De Gruyter Mouton, 2019. <https://doi.org/10.1515/9783110638288-001>

BOOGAART, R. & VERHEIJ, K. Als dát geen insubordinatie is! De pragmatiek van zelfstandige conditionele zinnen. JANSSEN, T., NOORDEGRAAF, J. (Orgs.) *Honderd jaar taalwetenschap*. Artikelen aangeboden aan Saskia Daalder bij haar afscheid van de Vrije Universiteit. Amsterdam/Münster: Stichting Neerlandistiek VU, Nodus Publikationen. 13-28, 2013.

BUSCHA, A. Isolierte Nebensätze im dialogischem Text. *Deutsch als Fremdsprache: Zeitschrift zur Theorie und Praxis des Deutschunterrichts für Ausländer*. 13. 274-279, 1976.

BUTLER, C. *Structure and Function: a Guide to the Three Major Structural-Functional Theories*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2003.

COIMBRA, E. C. *Construções semi-insubordinadas no português brasileiro: uma análise sincrônica*. Relatório Científico Final. Bolsa de Iniciação Científica Regular. FAPESP: Processo 2018/0773, 2020.

COMARIM, M. J. B. *O uso de “se ao menos” em construções condicionais insubordinadas no Português do Brasil*. Relatório Científico Final. Bolsa de Iniciação Científica PIBIC. CNPq: Processo 128905/2020-4). 2021.

COMARIM, M. J. B; HIRATA VALE, F. B. M. A expressão de desejos em construções condicionais insubordinadas com “se ao menos”. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 13, n. 1, abr. 2023. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2588>>. Acesso em: 25 maio 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-12588>.

CORADINI, M. C. *As construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português sob uma perspectiva diacrônica*. 2019. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CORADINI, M. C., HIRATA-VALE, F. B. M. Os estágios de insubordinação em construções condicionais insubordinadas com a conjunção *se* no português: evidências históricas. *Working papers em Linguística*, Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 318-345, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e75334>.

CORADINI, M. C. *Construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português: uma análise diacrônica à luz da Gramática de Construções*. 2022. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2022.

CUNHA, C. F. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

D'HERTEFELT, S.; VERSTRAETE, J. C. Independent complement constructions in Swedish and Danish: Insubordination or dependency shift? *Journal of pragmatics*, v. 60, p. 89–102, 2014.

DANCYGIER, Barbara. & SWEETSER, Eve. *Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, Barbara. *Conditionals and prediction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIES, M., FERREIRA, M. *Corpus do Português: 1 Billion words, Web/Dialects*, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

DECLERCK, R. & REED, S. *Conditionals. A comprehensive empirical analysis*. Berlin: de Gruyter, 2001.

D'HERTEFELT. *Insubordination in Germanic: A typology of complement and conditional constructions*. Leuven, 2015.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Org.). *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FAUCONNIER, G. Matching. In: *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 131–148.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. London, England: MIT Press, 1985.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L. V. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. *Veredas*, v 3 - n 1 - p. 115 a 128, 2016.

FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. (Orgs.). *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.47-68.

- FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences. *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 137-162, 1990.
- FILLMORE, C. Frame semantics. In: Linguistics Society of Korea (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137.
- FILLMORE, C. Scenes-and-frame semantics. In: ZAMPOLLI, A. (Org.). *Linguistics structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-81.
- FLACH, S. *collostructions*: An R implementation for the family of collostructional methods. R package version 0.1.0, 2017, Disponível em: [www.bit.ly/sflach](http://www.bit.ly/sflach)
- GOLDBERG, A. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Oxford Scholarship Online, 2007.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GRIES, S. Th., & STEFANOWITSCH, A. Co-varying collexemes in the into-causative. In M. ACHARD, & S. KEMMER (Orgs.), *Language, culture, and mind*. 2. ed. Stanford, CA: Centre for the Study of Language & Information, p. 225-236, 2005.
- GRIES, S. Th., & STEFANOWITSCH, A. *Coll.analysis 3.5*. A script for R to compute perform collostructional analyses, 2014.
- GRIES, S. T.; STEFANOWITSCH, A. Extending collostructional analysis: A corpus-based perspective on 'alternations'. *International journal of corpus linguistics*, v. 9, n. 1, p. 97-129, 2004.
- HILPERT, M. Collostructional analysis: Measuring associations between constructions and lexical elements. In: *Human Cognitive Processing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 391-404.
- HILPERT, M. *Collostructional analysis*. Youtube. 31 de março de 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5Mfv\\_6kzNXo](https://www.youtube.com/watch?v=5Mfv_6kzNXo)>.
- HILPERT, M. Shifts in Collocational Preferences. In: *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. [s.l.] BRILL, 2021. p. 90-119.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, 2005.
- HIRATA-VALE, F. B. M. *Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais*. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 46, p. 83, 2017.

HIRATA-VALE, F. B. M. *O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil*. Relatório Científico de Estágio Pós-Doutoral. Katholiek Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 2015

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (EDS.). *The oxford handbook of construction grammar*. New York, NY: Oxford University Press, 2013.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: *Palavras de classe aberta*. ILARI, R. (org.). Contexto: São Paulo, 2014.

KALTENBÖCK, G. et al. On Thetical Grammar. *Studies in Language*. V: 35. p.848- 893, 2011.

LAURY, R., LINDHOLM, C. & LINDSTRÖM, J. Syntactically non-integrated conditional clauses in spoken Finnish and Swedish. In Eva Havu & Irma Hyvärinen (orgs.) *Comparing and contrasting syntactic structures*. From dependency, 2013.

LEAHY, R. L. *Se ao menos...: Liberte-se do arrependimento e Viva Melhor a partir dos Conhecimentos da Ciência Cognitiva*. Artmed. Porto Alegre. 2023.

LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução de Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. 2ª. ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2020.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. *Language* 84, V: 1, p. 69-119, 2008.

OPPENRIEDER, W. Selbständige Verb-Letzt-Sätze: Ihr Platz im Satzmodussystem und ihre intonatorische Kennzeichnung. In Hans Altmann, Anton Batliner & Wilhelm Oppenrieder (eds.) *Zur Intonation von Modus und Fokus im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer. 163-244, 1989.

PANTHER, K-U & THORNBURG, L. L. Metonymies as natural inference and activation schemas: The case of dependent clauses as independent speech acts. In PANTHER, K-U & THORNBURG, L. L. (orgs.) *Metonymy and Pragmatic Inferencing*. Amsterdam: Benjamins. p. 127-147, 2003.

PATARD, A. Réflexions sur l'origine de l'insubordination. Le cas de trois insubordonnées hypothétiques du français. *Langages*, Réanalyse et changement linguistique, 4 (196), pp.109-130. 2014.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2019. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development for R*. RStudio, Inc., Boston, MA. 2015. Disponível em: <http://www.rstudio.com/>.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópio*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 171-182, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4870>. Acesso em: 10 abr. 2023.

- SANSIÑENA, M. S., DE SMET, H., CORNILLIE, B. Between subordinate and insubordinate. Paths towards complementizer-initial main clauses. *Journal of Pragmatics*, v. 77, p. 3-9, 2015.
- STEFANOWITSCH, A. Collostructional Analysis. In: HOFFMAN, S. & TROUSDALE, G. (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Nova York: Oxford University Press, p. 215-229. 2013.
- STEFANOWITSCH, A. & GRIES, S. (2005). Covarying collexemes. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*. 2005.
- STEFANOWITSCH, A. & GRIES, S. Collostructions: Investigating the interaction of words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*. 2003.
- STEFANOWITSCH, A. & GRIES, S. Co-varying collexemes in the into-causative. In M. Achard, & S. Kemmer (Eds.), *Language, culture, and mind* Stanford: CSLI. p. 225–36. 2004a.
- STEFANOWITSCH, A. & GRIES, S. Extending collostructional analysis: A corpus-based perspective on ‘alternations’. *International Journal of Corpus Linguistics*, p. 97–129. 2004b
- STIRLING, L. Isolated if-clauses in Australian English. In DAVID LEE & PETER COLLINS (orgs.) *The clause in English*. In honour of Rodney Huddleston. Amsterdam: Benjamins. 275-297. 1999.
- SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TELEMAN, U., HELLBERG, S. & ANDERSSON, E. *Svenska Akademiens grammatik* [Grammar of the Swedish Academy]. 3rd ed. 4 vol. Stockholm: Norstedts, 2010.
- THURMAIR, M. *Modalpartikeln und ihre Kombinationen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.
- TRAUGOTT, E. C. & TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Editora Vozes. Petrópolis. 2021.
- VAN LINDEN, A.; VAN DE VELDE, F. (Semi-)autonomous subordination in Dutch: Structures and semantic–pragmatic values. *Journal of pragmatics*, v. 60, p. 226–250, 2014.
- WEUSTER, E. Nicht-eingebette Satztypen mit Verb-Endstellung im Deutschen. In Edith Weuster & Klaus Olszok (eds.) *Zur Wortstellungsproblematik im Deutschen*. Tübingen: Narr. 7-87, 1983.

## APENDICE – A

Tabela 4 - Resultado completo da Análise Colostrucional realizada neste estudo

COLLEX	CORP.FREQ	OBS	EXP	ASSOC	COLL.STR.LOGL	SIGNIF
ser	2800	868	118,9	attr	2347,737	*****
ter	1768	658	75,1	attr	2015,393	*****
saber	615	320	26,1	attr	1219,186	*****
haver	226	142	9,6	attr	610,8173	*****
dar	291	109	12,4	attr	321,998	*****
conseguir	142	78	6	attr	304,2265	*****
avisar	65	54	2,8	attr	283,6892	*****
existir	91	62	3,9	attr	281,1905	*****
poder	467	116	19,8	attr	242,2076	*****
estar	401	86	17	attr	155,0304	*****
ganhar	53	31	2,3	attr	126,0328	*****
fazer	522	86	22,2	attr	115,0894	*****
colocar	45	23	1,9	attr	84,9686	*****
odiar	50	24	2,1	attr	84,76864	*****
funcionar	35	20	1,5	attr	79,93889	*****
falar	229	46	9,7	attr	77,10291	*****
vir	95	28	4	attr	67,6538	*****
usar	86	24	3,7	attr	55,27515	*****
entender	82	23	3,5	attr	53,20514	*****
valer	45	17	1,9	attr	50,22125	*****
ouvir	45	16	1,9	attr	45,07616	*****
servir	35	14	1,5	attr	43,19839	*****
pagar	77	20	3,3	attr	43,16321	*****
mostrar	39	14	1,7	attr	39,73494	*****
responder	33	13	1,4	attr	39,64755	*****
jogar	83	19	3,5	attr	36,34982	*****
conhecer	44	14	1,9	attr	36,04482	*****
morar	21	10	0,9	attr	35,08712	*****
ler	35	12	1,5	attr	32,83183	*****
reparar	7	6	0,3	attr	32,25863	*****
voltar	59	15	2,5	attr	31,72411	*****
chover	11	7	0,5	attr	30,16027	*****
alertar	8	6	0,3	attr	29,08959	*****
convidar	8	6	0,3	attr	29,08959	*****
deixar	103	19	4,4	attr	28,89293	*****
assumir	9	6	0,4	attr	26,71638	*****
parar	53	13	2,3	attr	26,57848	*****
colaborar	6	5	0,3	attr	26,27341	*****
praticar	6	5	0,3	attr	26,27341	*****
chegar	72	15	3,1	attr	26,0578	*****

beneficiar	4	4	0,2	attr	25,27378	*****
endoidecer	4	4	0,2	attr	25,27378	*****
beber	10	6	0,4	attr	24,8001	*****
prestar	21	8	0,9	attr	23,77157	*****
seguir	35	10	1,5	attr	23,48544	*****
receber	23	8	1	attr	22,13492	*****
abrir	30	9	1,3	attr	22,04433	*****
trabalhar	47	11	2	attr	21,49223	*****
aplicar	5	4	0,2	attr	20,35648	*****
mandar	51	11	2,2	attr	19,80334	*****
postar	14	6	0,6	attr	19,48567	****
acordar	20	7	0,8	attr	19,46307	****
vazar	3	3	0,1	attr	18,95461	****
sair	65	12	2,8	attr	18,25188	****
ver	243	26	10,3	attr	17,82721	****
ensinar	6	4	0,3	attr	17,80907	****
gostar	78	13	3,3	attr	17,50749	****
tentar	69	12	2,9	attr	17,01888	****
entrar	25	7	1,1	attr	16,14667	****
liberar	7	4	0,3	attr	15,97326	****
notar	7	4	0,3	attr	15,97326	****
dizer	174	20	7,4	attr	15,62073	****
procurar	19	6	0,8	attr	15,3417	****
lançar	13	5	0,6	attr	14,96389	***
rolar	20	6	0,8	attr	14,69271	***
tirar	56	10	2,4	attr	14,63097	***
entregar	14	5	0,6	attr	14,12466	***
inventar	14	5	0,6	attr	14,12466	***
marcar	14	5	0,6	attr	14,12466	***
explicar	22	6	0,9	attr	13,51877	***
apresentar	15	5	0,6	attr	13,36514	***
adicionar	2	2	0,1	attr	12,63592	***
dignar	2	2	0,1	attr	12,63592	***
permanecer	2	2	0,1	attr	12,63592	***
printar	2	2	0,1	attr	12,63592	***
revestir	2	2	0,1	attr	12,63592	***
apontar	5	3	0,2	attr	12,39799	***
limpar	5	3	0,2	attr	12,39799	***
transmitir	5	3	0,2	attr	12,39799	***
perceber	33	7	1,4	attr	12,38209	***
divulgar	10	4	0,4	attr	12,33394	***
ficar	261	24	11,1	attr	11,96644	***
mudar	44	8	1,9	attr	11,95085	***
trocar	18	5	0,8	attr	11,4504	***
levar	57	9	2,4	attr	11,31338	***

matar	37	7	1,6	attr	10,94125	***
respeitar	19	5	0,8	attr	10,90675	***
tocar	19	5	0,8	attr	10,90675	***
esforçar	6	3	0,3	attr	10,8971	***
lembrar	49	8	2,1	attr	10,4941	**
aparecer	20	5	0,8	attr	10,40076	**
carregar	7	3	0,3	attr	9,74091	**
devolver	7	3	0,3	attr	9,74091	**
mentir	7	3	0,3	attr	9,74091	**
valorizar	7	3	0,3	attr	9,74091	**
tomar	53	8	2,3	attr	9,475	**
aceitar	14	4	0,6	attr	9,38958	**
acertar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
concorrer	3	2	0,1	attr	8,90361	**
demonstrar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
exigir	3	2	0,1	attr	8,90361	**
gozar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
rodar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
transar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
variar	3	2	0,1	attr	8,90361	**
escutar	15	4	0,6	attr	8,83041	**
provar	8	3	0,3	attr	8,80336	**
aprender	16	4	0,7	attr	8,31988	**
defender	25	5	1,1	attr	8,30767	**
resolver	25	5	1,1	attr	8,30767	**
adiantar	9	3	0,4	attr	8,01788	**
gerar	9	3	0,4	attr	8,01788	**
acreditar	38	6	1,6	attr	7,53971	**
combinar	4	2	0,2	attr	7,26429	**
considerar	4	2	0,2	attr	7,26429	**
enviar	4	2	0,2	attr	7,26429	**
chamar	41	6	1,7	attr	6,81077	**
passar	111	11	4,7	attr	6,4563	*
abençoar	1	1	0	attr	6,31772	*
acatar	1	1	0	attr	6,31772	*
alfabetizar	1	1	0	attr	6,31772	*
amadurecer	1	1	0	attr	6,31772	*
arcar	1	1	0	attr	6,31772	*
arrebentar	1	1	0	attr	6,31772	*
chumbar	1	1	0	attr	6,31772	*
chutar	1	1	0	attr	6,31772	*
compatibilizar	1	1	0	attr	6,31772	*
completar	1	1	0	attr	6,31772	*
concatenar	1	1	0	attr	6,31772	*
conciliar	1	1	0	attr	6,31772	*

contabilizar	1	1	0	attr	6,31772	*
conter	1	1	0	attr	6,31772	*
cortejar	1	1	0	attr	6,31772	*
debutar	1	1	0	attr	6,31772	*
delapidar	1	1	0	attr	6,31772	*
desconhecer	1	1	0	attr	6,31772	*
desobedecer	1	1	0	attr	6,31772	*
despedir	1	1	0	attr	6,31772	*
destacar	1	1	0	attr	6,31772	*
destinar	1	1	0	attr	6,31772	*
dropar	1	1	0	attr	6,31772	*
emagrecer	1	1	0	attr	6,31772	*
encostar	1	1	0	attr	6,31772	*
enfeiar	1	1	0	attr	6,31772	*
engordar	1	1	0	attr	6,31772	*
escapar	1	1	0	attr	6,31772	*
especializar	1	1	0	attr	6,31772	*
estocar	1	1	0	attr	6,31772	*
flertar	1	1	0	attr	6,31772	*
fotografar	1	1	0	attr	6,31772	*
implementar	1	1	0	attr	6,31772	*
imunizar	1	1	0	attr	6,31772	*
lixar	1	1	0	attr	6,31772	*
maneirar	1	1	0	attr	6,31772	*
nevar	1	1	0	attr	6,31772	*
optar	1	1	0	attr	6,31772	*
ousar	1	1	0	attr	6,31772	*
persistir	1	1	0	attr	6,31772	*
por	1	1	0	attr	6,31772	*
possuir	1	1	0	attr	6,31772	*
privatizar	1	1	0	attr	6,31772	*
reconsiderar	1	1	0	attr	6,31772	*
regressar	1	1	0	attr	6,31772	*
rejeitar	1	1	0	attr	6,31772	*
renovar	1	1	0	attr	6,31772	*
repassar	1	1	0	attr	6,31772	*
reprisar	1	1	0	attr	6,31772	*
retroceder	1	1	0	attr	6,31772	*
sinalizar	1	1	0	attr	6,31772	*
tatuar	1	1	0	attr	6,31772	*
teorizar	1	1	0	attr	6,31772	*
verificar	1	1	0	attr	6,31772	*
nascer	12	3	0,5	attr	6,23936	*
dormir	32	5	1,4	attr	6,19738	*
arranjar	5	2	0,2	attr	6,16613	*

caminhar	5	2	0,2	attr	6,16613	*
curar	5	2	0,2	attr	6,16613	*
evoluir	5	2	0,2	attr	6,16613	*
unir	5	2	0,2	attr	6,16613	*
contar	22	4	0,9	attr	5,97294	*
perguntar	23	4	1	attr	5,66812	*
cair	24	4	1	attr	5,38163	*
admitir	6	2	0,3	attr	5,34485	*
atender	6	2	0,3	attr	5,34485	*
colar	6	2	0,3	attr	5,34485	*
compreender	6	2	0,3	attr	5,34485	*
desculpar	6	2	0,3	attr	5,34485	*
desenvolver	6	2	0,3	attr	5,34485	*
enfiar	6	2	0,3	attr	5,34485	*
pesquisar	6	2	0,3	attr	5,34485	*
pegar	36	5	1,5	attr	5,27008	*
assistir	37	5	1,6	attr	5,06214	*
olhar	51	6	2,2	attr	4,86998	*
apoiar	7	2	0,3	attr	4,69402	*
cumprir	7	2	0,3	attr	4,69402	*
dedicar	7	2	0,3	attr	4,69402	*
discutir	7	2	0,3	attr	4,69402	*
disfarçar	7	2	0,3	attr	4,69402	*
render	7	2	0,3	attr	4,69402	*
utilizar	7	2	0,3	attr	4,69402	*
vestir	7	2	0,3	attr	4,69402	*
bater	16	3	0,7	attr	4,63997	*
ligar	29	4	1,2	attr	4,17331	*
atacar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
beijar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
dancar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
organizar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
revelar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
treinar	8	2	0,3	attr	4,15921	*
merecer	18	3	0,8	attr	4,03578	*
manter	30	4	1,3	attr	3,96861	*
estudar	19	3	0,8	attr	3,76858	ns
interessar	9	2	0,4	attr	3,70864	ns
mexer	9	2	0,4	attr	3,70864	ns
acender	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
agregar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
babar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
calhar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
clamar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
comportar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns

contentar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
creditar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
declarar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
despertar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
disponibilizar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
embromar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
endividar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
engolir	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
exaltar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
exportar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
financiar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
fiscalizar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
frequentar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
honrar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
incentivar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
interferir	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
introduzir	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
mencionar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
narrar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
operar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
plagiar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
protestar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
recompensar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
resetar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
substituir	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
sumir	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
transitar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
voar	2	1	0,1	attr	3,63192	ns
encontrar	33	4	1,4	attr	3,41336	ns
pedir	47	5	2	attr	3,38078	ns
buscar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
compensar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
guardar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
levantar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
segurar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
soltar	10	2	0,4	attr	3,32208	ns
escolher	21	3	0,9	attr	3,2914	ns
tornar	22	3	0,9	attr	3,07754	ns
botar	11	2	0,5	attr	2,98585	ns
fechar	11	2	0,5	attr	2,98585	ns
investir	11	2	0,5	attr	2,98585	ns
comprar	37	4	1,6	attr	2,78831	ns
conversar	12	2	0,5	attr	2,69023	ns
destruir	12	2	0,5	attr	2,69023	ns
fingir	12	2	0,5	attr	2,69023	ns

permitir	12	2	0,5	attr	2,69023	ns
preocupar	12	2	0,5	attr	2,69023	ns
alcancar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
apostar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
atualizar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
bloquear	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
cortar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
custar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
depender	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
desonrar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
digital	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
doar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
emular	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
enganar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
escalar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
expulsar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
focar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
garantir	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
interagir	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
mamar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
namorar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
ocorrer	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
promover	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
queimar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
reinar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
renunciar	3	1	0,1	attr	2,67222	ns
esperar	55	5	2,3	attr	2,42008	ns
ajudar	41	4	1,7	attr	2,26881	ns
acumular	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
aguardar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
argumentar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
assinar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
bugar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
compartilhar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
demitir	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
disputar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
espalhar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
estressar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
identificar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
informar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
movimentar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
negar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
realizar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
recomendar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
sugerir	4	1	0,2	attr	2,07942	ns

sustentar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
testar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
traduzir	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
viajar	4	1	0,2	attr	2,07942	ns
cantar	15	2	0,6	attr	1,98381	ns
evitar	15	2	0,6	attr	1,98381	ns
subir	15	2	0,6	attr	1,98381	ns
tratar	15	2	0,6	attr	1,98381	ns
correr	16	2	0,7	attr	1,79419	ns
gastar	16	2	0,7	attr	1,79419	ns
virar	16	2	0,7	attr	1,79419	ns
vender	30	3	1,3	attr	1,79226	ns
adotar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
baixar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
citar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
comprovar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
distribuir	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
educar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
expressar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
formar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
lavar	5	1	0,2	attr	1,66088	ns
prever	17	2	0,7	attr	1,62246	ns
trazer	17	2	0,7	attr	1,62246	ns
aproveitar	18	2	0,8	attr	1,46645	ns
melhorar	18	2	0,8	attr	1,46645	ns
oferecer	18	2	0,8	attr	1,46645	ns
chorar	33	3	1,4	attr	1,4516	ns
viver	50	4	2,1	attr	1,38743	ns
escrever	34	3	1,4	attr	1,35072	ns
imaginar	34	3	1,4	attr	1,35072	ns
aumentar	6	1	0,3	attr	1,34497	ns
caber	6	1	0,3	attr	1,34497	ns
descer	6	1	0,3	attr	1,34497	ns
observar	6	1	0,3	attr	1,34497	ns
começar	35	3	1,5	attr	1,25555	ns
atingir	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
construir	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
criticar	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
foder	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
insistir	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
julgar	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
reconhecer	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
reduzir	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
retirar	7	1	0,3	attr	1,09687	ns
comer	22	2	0,9	attr	0,96758	ns

importar	22	2	0,9	attr	0,96758	ns
agir	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
apanhar	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
arrumar	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
derrubar	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
indicar	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
preparar	8	1	0,3	attr	0,89698	ns
andar	23	2	1	attr	0,86816	ns
eleger	9	1	0,4	attr	0,73313	ns
quebrar	9	1	0,4	attr	0,73313	ns
representar	9	1	0,4	attr	0,73313	ns
ir	225	12	9,6	attr	0,60612	ns
calar	10	1	0,4	attr	0,59725	ns
cuidar	10	1	0,4	attr	0,59725	ns
salvar	10	1	0,4	attr	0,59725	ns
pensar	103	6	4,4	attr	0,56757	ns
acontecer	64	4	2,7	attr	0,55396	ns
querer	207	11	8,8	attr	0,5385	ns
doer	11	1	0,5	attr	0,48372	ns
justificar	11	1	0,5	attr	0,48372	ns
significar	11	1	0,5	attr	0,48372	ns
terminar	11	1	0,5	attr	0,48372	ns
cobrar	12	1	0,5	attr	0,38845	ns
impedir	12	1	0,5	attr	0,38845	ns
roubar	12	1	0,5	attr	0,38845	ns
perder	69	4	2,9	attr	0,36724	ns
juntar	13	1	0,6	attr	0,3084	ns
enxergar	14	1	0,6	attr	0,2412	ns
meter	14	1	0,6	attr	0,2412	ns
criar	34	2	1,4	attr	0,20031	ns
esquecer	16	1	0,7	attr	0,13841	ns
respirar	17	1	0,7	attr	0,10014	ns
faltar	18	1	0,8	attr	0,06923	ns
continuar	40	2	1,7	attr	0,05276	ns
sofrer	19	1	0,8	attr	0,04487	ns
acabar	41	2	1,7	attr	0,03828	ns
sentir	86	4	3,7	attr	0,03342	ns
reclamar	21	1	0,9	attr	0,01315	ns
feito	25	1	1,1	rep	0,00385	ns
morrer	31	1	1,3	rep	0,08662	ns
precisar	65	1	2,8	rep	1,54121	ns
parecer	79	1	3,4	rep	2,3644	ns
amar	86	1	3,7	rep	2,80167	ns
achar	134	2	5,7	rep	3,30949	ns